

# INTERDISCIPLINARIDADE

ISSN 2179-0094

volume 1| número ESPECIAL | set. 2015



# INTERDISCIPLINARIDADE

número ESPECIAL

NOV 2015



---

Publicação Oficial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI )

Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP

---

## Interdisciplinaridade.

Publicação Oficial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI).

Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP.

**e-mail:** gepi@pucsp.br

**Site:** <http://www4.pucsp.br/gepi/>

© Copyright 2015

Interdisciplinaridade / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) – Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – n. Especial (nov.. 2015) – São Paulo: PUCSP, 2015.

Periodicidade semestral- com alguns números especiais.

INGLÊS ISSN 2179-0094

1. Currículo. 2. Educação. 3. Interdisciplinaridade.

As opiniões emitidas nas matérias desta revista são de inteira responsabilidade dos seus autores. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, porém, deve-se citar a fonte.

número ESPECIAL out. 2015

Revista Especial- Homenagem a Hilton Japiassu

## Interdisciplinaridade

### Editora Científica

Ivani Catarina Arantes Fazenda

### Editora Executiva

Herminia Prado Godoy

### Conselho Editorial - Revista Especial

Ana Maria Ramos Sanches Varella

Jerley Pereira da Silva



Ana Maria Ramos Sanchez Varella

### Pesquisadores convidados:

Danúsia A.F.B. de Oliveira

Odair

Ricardo H. de Matos

Rita Reis

### Expressão artística:

Jaime Paulino

### Assessoria técnica:

Jerley Pereira da Silva

Ivani Catarina Arantes Fazenda

Ana Maria Tomazoni

# EDITORIAL

## Uma Revista Especial a Hilton Japiassu

O que falar de um amigo, de um parceiro acadêmico tão querido? De que maneira homenageá-lo em sua simplicidade?

Com esse olhar sensível para sua morte física, ocorrida em 2015, organizamos um olhar didático para algumas de suas obras. Convidamos pesquisadores que já o tinham como referência em seus trabalhos de pesquisa.

Procuramos, nessa organização, um movimento de parceria instaurado em cada detalhe do encontro, ocorrido na PUC, em agosto, em uma Aula Aberta.

Durante dois meses tudo foi preparado para que Hilton Japiassu fosse presentificado no Encontro.

Não era apenas uma homenagem que queríamos, era mais. Queríamos dar à aula Aberta, o toque delicado dos que pesquisam a Interdisciplinaridade. Respeito à vida, à parceria, aos encontros, à sensibilidade, encontro com a vida de um amigo que compartilhou seus ensinamentos, sua sensibilidade e coragem de tocar em pontos tão profundos na área da Ciência.

Por esse motivo, esta Revista Especial a Japiassu, não poderia ser igual às outras.

Tem seu formato próprio e representa um pouco do que foi vivenciado pelos que puderam se manifestar em palavras e os que puderam sentir as palavras emitidas naquela manhã. Momento único!

Japiassu esteve presente em cada fala, retratada na sua essência e respeitada em sua integralidade.

Não foi apenas um resgate a sua obra, mas o reconhecimento e agradecimento a um amigo, a um parceiro, ao filósofo, ao cientista que sempre incentivou o pensar com consciência.

Convidamos você, que não pode estar presente naquele dia a vivenciar um pouco do que vivemos, ouvimos e sentimos: a simplicidade e valor de Japiassu.

Querido Japiassu, onde estiver, saiba que tem todo nosso carinho e reconhecimento pela pessoa que foi e pela obra que nos deixou.

Ivani Fazenda e Ana Maria Varellla

## SUMÁRIO.

O evento.....7-29

Reflexões.....31-32

### Poesia

1 A luz da esperança (Ruy Cezar do espírito Santo)..... 34-34

### Relatos

1 Japiassu em tempos de crise. (Ricardo Hage de Matos)..... 36-42

### Artigos

1 Hilton Ferreira Japiassu (1934-2015) (Lislayne Carneiro)..... 44-46

2 Caminhos do saber (Vera Brandão)..... 47-56

3 Pedagogia da certeza X pedagogia da incerteza (Odair Silva Soares)..... 57-60

4 Ciência – Conceitos e saberes (Dirce Encarnacion Tavares).... 61-64

5 A dona educação visita o doutor saúde (Fernando Cesar de Souza)..... 65-70

6 A construção de um caminho interdisciplinar (Danúsia Arantes F.B. de Oliveira)..... 71-77



# Ivani Fazenda

presenta:

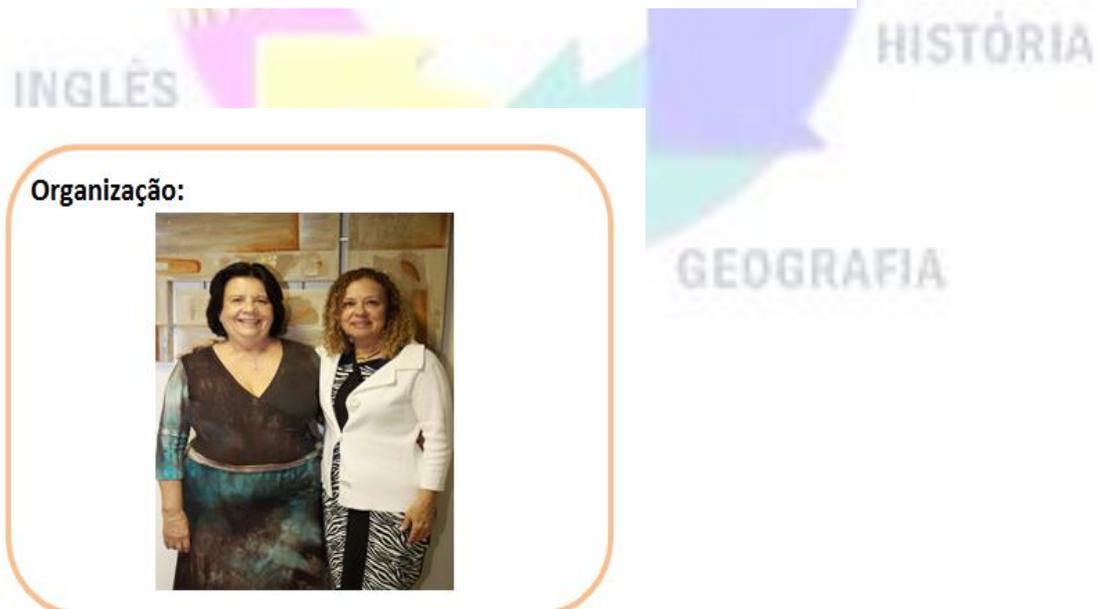
**HOMENAGEM A HILTON JAPIASSU: um filósofo amigo e agora um ponto de luz no universo!**



**Profa. Dra. Ivani Fazenda**

**homenageia**

**Prof. Dr. Hilton Ferreira Japiassu**



**Organização:**



A Aula Aberta iniciou com uma Homenagem a Hilton Japiassu, elaborada por Rita Reis<sup>1</sup>:

*Resolvi perguntar a Deus:*

*Como alguém que admiramos tanto vai embora sem nos dizer adeus?*

*Como alguém da qual necessitamos tanto de seus conhecimentos desaparece e nunca mais podemos vê-lo? Deus se fez em silêncio e uma brisa calma acalentou meu coração.*

*Resolvi eu mesma responder minhas inquietações.*

*Japiassu, nosso eterno Mestre se foi, pois retornou aos braços do CRIADOR.*

*Alguém como “ele” nunca desaparecerá, permanecerá eternizado em nossa memória.*

*Todos seus ensinamentos, seus escritos ficarão como instrumento para humanizar nosso espírito e nossa consciência.*

*O grande MESTRE Japiassu nos deixou de herança que devemos urgentemente ter uma retomada de reflexão, à qual possamos criticar nosso mundo dominado pelo consumismo, pelo ceticismo, gerando a destruição.*

*Que devemos viver a sabedoria e buscar a felicidade.*

*Alguém como o grande MESTRE Japiassu jamais desaparecerá, pois com ele aprendemos a necessidade de uma mudança de atitude diante de uma nova forma de compreender o mundo.*

*Ensinou-nos que cada um de nós pode se tornar um pensador (pensar interdisciplinarmente).*

*Todos os seus gestos, toda a sua forma de andar, de falar, de sorrir, de ensinar...de amar...estarão bem guardados em nosso coração.*

*Alguém que admiramos tanto meu Deus se foi..ao teu encontro e nos deixou.*

*Deixou-nos como legado que devemos respeitar todo conhecimento epistemológico, mas se faz necessário voltarmos ao paradigma envolto nos mistérios da fé.*

*Alguém que admiramos tanto se fez LUZ e hoje ilumina os céus.*

*Alguém que admiramos tanto partiu, e não houve tempo para o adeus.*

*É o nosso grande MESTRE Japiassu fez sua passagem, para o outro lado da vida.*

*Deixou-nos sua grande riqueza: seus ensinamentos, pois os escreveu e hoje se inscreve em nossa história.*

*Devemos ter humildade suficiente para apropriarmos de seus escritos e encontrar o significado da “felicidade”. E ao encontrar*

---

<sup>1</sup> Rita Reis: integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade- GEPI do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Habilitada em História (UNISAL). Habilitada em Pedagogia (UNINOVE). PÓS-Graduada em Administração Escolar (UNIG). Pós - Graduada em Ciências Humanas (UNICAMP). Mestrado em Desenvolvimento Humano (UNITAU). E-mail: [reis.rita@bol.com.br](mailto:reis.rita@bol.com.br)

*a “felicidade”, possamos caminhar numa estrada que levará a Deus nosso PAI SALVADOR.  
Alguém que admiramos tanto se foi...  
Foi desvendar o mistério da vida.  
Querido MESTRE Japiassu um dia nos encontraremos para um longo abraço eterno!!*

Cada um de nós pode se tornar um pensador, alguém que se baseia na lógica da argumentação e da refutação, jamais confundindo as coisas da lógica com a lógica das coisas, e dizer “Não” a tudo o que degrada o homem. Porque toda sociedade que nega a importância fundamental da racionalidade crítica para resolver seus problemas está mais facilmente exposta a ser vítima de tiranos e charlatães. (JAPIASSU, 2011).

### **Blog da Editora Ideias & Letras.**

Um convite para Aula Aberta se fez, os que se sentiram atraídos para aceitar o convite foram presenteados por uma luz especial de harmonia, compartilhamento, delicadeza, felicidade e paz! No ambiente a vontade de aprender, de conhecer, de revisitar, de se emocionar. Palavra inicial da Professora Dra Ivani Fazenda, que convidou a todos para se integrarem a homenagem preparada para seu grande amigo Japiassu.



Em seguida, convidou sua parceira de organização Professora Dra Ana Maria Varella, para que apresentasse os que fizeram parte desse momento.

Música no ar com Jaime Paulino



FÍSICA CIÊNCIAS  
COMUNIDADE

Um carinho poético de Rita Reis



HISTÓRIA  
FIA

Hilton Japiassu foi apresentado, sua vida acadêmica, sua singularidade....

### Hilton Ferreira Japiassu



Nasceu em Carolina, Maranhão, em 26 de março de 1934.

AS

### Hilton Ferreira Japiassu



Nasceu em Carolina, Maranhão, em 26 de março de 1934.

Sua formação, suas obras...

## Hilton Ferreira Japiassu



Licenciado em Filosofia, PUC/ RJ - 1969

Pós-Graduação em Filosofia (Epistemologia e História das Ciências) na Université des Sciences Sociales de Grenoble, França.

Doutorado: *L'épistémologie des relations interdisciplinaires des les sciences humaines*, 1975.

Pós-doutorado em Filosofia na Université des Sciences Humaines de Strasbourg, França – 1985.

FÍSICA

CIÊNCIAS

### Obras:

Mais de 15 livros traduzidos do francês, mais de 30 artigos e capítulos de livros.

#### Livros publicados:

*Introdução ao Pensamento Epistemológico*, Rio, Francisco Alves, 1975.

*O Mito da Neutralidade Científica*, Rio, Imago (1976), 2ª ed. 1983.

*Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*, Rio, Imago, 1977.

*Interpretação e Ideologia* (Organização, Introdução de Tradução de textos de Paul Ricoeur), Rio, Francisco Alves, 1977.

*Pafra ler Bachelard*, Rio, Francisco Alves, 1977.

*Nascimento e Morte das Ciências Humanas*, Rio, Francisco Alves (1978), 3ª ed. 1983.

*A Psicologia dos Psicólogos*, Rio, Imago, 1979.

*Questões Epistemológicas*, Rio, Imago, 1981.

*A Pedagogia da Incerteza*, Rio, Imago, 1983.

TÓRIA

**Obras:**

*Psicanálise: Ciência e Consciência*, Rio, Imago, 1989 (2ª edição 1999).  
*A Revolução Científica Moderna*, Rio, Imago, 1986 (2ª edição 1997).  
*Dicionário Básico de Filosofia* (com D. Marcondes), Rio, J. Zahar Editor, 1990 (3ª edição 1999).  
*As Paixões da Ciência*, S. Paulo, Letras & Letras, 1991.  
*Saber Astrológico; Impostura Científica?*, S. Paulo, Letras & Letras, 1992.  
*Introdução às Ciências Humanas*, S. Paulo, Letras & Letras (1993), 2ª ed. 1997.  
*Introdução à Epistemologia da Psicologia*, S. Paulo, Letras & Letras, 5ª ed. 1994.  
*Francis Bacon: O Profeta da Ciência Moderna*, S. Paulo, Letras & Letras, 1995.  
*A Crise da Razão e do Saber Objetivo*, S. Paulo, Letras & Letras, 1996.  
*Um Desafio à Filosofia: Pensar-se nos Dias de Hoje*, S. Paulo, Letras & Letras, 1997.  
*Um Desafio à Educação: Repensar a Pedagogia Científica*, S. Paulo, Letras & Letras, 1998.  
*Nem Tudo é Relativo*, S. Paulo, Letras & Letras, 2000.

Ana Maria destacou a metodologia da leitura, da compreensão de um texto, mostrando as diferentes possibilidades de conhecer um autor. Conhecer-lo significa resgatar suas falas e compreendê-las em sua essência, porque quando a paráfrase é feita pelo leitor, o resultado da leitura torna-se um trabalho em parceria, complementado por riquezas interpretativas, porém perdem-se alguns elementos pontuados pelos autores. Valorizou-se nessa homenagem os escritos de Japiassu, a valorização das expressões e lucidez de sua vivência.



Em um artigo *O mal-estar nas Ciências Humanas* (2000), Japiassu afirmou:

Defendo a seguinte ideia: as ciências humano-sociais não podem abdicar de sua condição de pensar seu tempo e exercer, em nossa sociedade, o papel de esclarecedoras e despertadoras da consciência coletiva, se é que ainda pretendem dizer o possível e o desejável. Por isso, não podemos aceitar o diagnóstico pessimista a seu respeito. Porque parece-nos insustentável a dicotomia radical entre os juízos de fato e os de valor, entre o plano cognitivo e o normativo. Foi essa dicotomia fantasmática que introduziu o divórcio entre as ciências humanas e a filosofia.

Ana Maria resgatou falas de Japiassu quando respondeu a questões em uma entrevista para uma editora,<sup>2</sup> a respeito de seu livro *Ciências questões pertinentes*. Japiassu incentivou seus leitores a voltarem a pensar e repensar, pois nosso mundo de hoje, embriagado de racionalidade, eficácia, velocidade, consumo, arrisca-se a perder a capacidade de se entender e de refletir. Para ele voltar às fontes inspiradoras da filosofia é sempre referência para o conjunto da condição humana, pois ela é a aprendizagem da vida, uma aspiração prática à obtenção da sabedoria. Japiassu estava convencido de que nossa sociedade abafa as divergências, seja silenciando-a ou convertendo-a num fenômeno comercializado como os outros. O autor nos convidou a continuar pensar uma sociedade onde valores econômicos não se imponham como centrais e únicos. Mostrou que a cultura pode humanizar nosso espírito e consciência. Chamou atenção à dignidade do homem, para que ele não se deixe dominar pela obsessão do consumismo e que possa se afirmar e definir pela liberdade em relação aos poderes, pela crítica das ideias recebidas e pela denúncia das alternativas simplistas.

Os quadros abaixo representam suas próprias palavras, para que a plateia sentisse a energia de Japiassu:

---

<sup>2</sup> Editora Ideia e Letras, DGNK Assessoria de Imprensa

“No mundo atual, o cientista é ao mesmo tempo um precioso capital, um grande investimento cuja rentabilidade precisa ser assegurada, uma moeda de troca, uma imagem de marca nacional ou ideológica. Num certo sentido, sua função teatralizou-se. Ele passa a ser um iceberg flutuando sobre o oceano de nossas incertezas, de nossas ignorâncias. Sem dúvida, a parte oculta de seu trabalho só justifica o estatuto privilegiado que lhe reconhecemos, mas ele não pode permanecer estranho à "sociedade do espetáculo".”

Antes de diálogos com autores é necessário beber de suas fundamentações reais, entender suas palavras, o contexto vivido e vivenciado, para que sejam retirados dos escritos ou falas a verdadeira essência. É um trabalho inicial da linguagem, mas quem deseja fazer parte dos escritores renomados precisa cumprir com humildade essa tarefa. O respeito à autoria, respeito aos que já fundamentaram suas pesquisas, assim é o mundo da leitura. A oportunidade de interação, entendimento, informação, conhecimento.

*Nas Ciências Naturais, podemos descobrir um tronco comum, de tal forma que temos condições de passar da Matemática à Mecânica, depois à Física e à Química, à Biologia e à Psicologia Fisiológica, segundo uma série de generalidade crescente. Não se verifica semelhante ordem nas Ciências Humanas. A questão da hierarquia entre elas fica aberta. (JAPIASSU, 1976, p. 84).*

Com esse movimento a plateia foi sendo convidada a estar presente...e aceitaram...todos envolvidos, não houve sequer um barulho, um levantar da cadeira, todos atentos, acompanhando cada palavra, cada ideia apresentada. No ar, apenas pensamentos direcionados a Japiassu.



PORTUGUÊS

FÍSICA

INTERDISCIPLINAR

INGLÊS

HISTÓRIA

A disciplinaridade significa a exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo.

É o conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos do ensino, da formação, dos métodos e das matérias.

Esta exploração consiste em fazer surgir novos conhecimentos que se substituem aos antigos (JAPIASSU, 1976, p.72).

*O espaço interdisciplinar, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento. Jamais esse espaço poderá ser constituído pela simples adição de todas as especialidades, nem tampouco por uma síntese de ordem filosófica dos saberes especializados. O fundamento do espaço interdisciplinar deverá ser procurado na negação e na superação das fronteiras disciplinares. (JAPIASSU, 1976, p. 74-75)*

O que realmente importa, no diálogo interdisciplinar, aquilo que não somente é desejável, mas também indispensável, é que a autonomia de cada disciplina seja assegurada como uma condição fundamental da harmonia de suas relações com as demais. Onde não houver interdependência disciplinar, não pode haver interdependência das disciplinas (JAPIASSU, 1976, p.129).

“A ciência é a consciência do mundo. A doença do mundo moderno corresponde a um fracasso, a uma demissão do saber. Semelhante propósito pode surpreender, se pensamos na multidão dos ‘sábios’ ou pretensos sábios que povoam as universidades, os laboratórios, os institutos de pesquisa em toda a face da Terra (JAPIASSU, 1976, p.11).”



Recentemente, Piaget criou um novo termo para completar a gradação esboçada pelo multi-, pelo pluri- e pelo interdisciplinar. Trata-se do transdisciplinar.

...O próprio Piaget se apressa em precisar que se trata apenas de um sonho, de uma etapa previsível das associações, mais do que uma realidade já presente. (Japiassu, 1976, p.75-76).

O interdisciplinar se apresenta como o remédio mais adequado à cancerização ou à patologia geral do saber. No entanto, na medida em que a maioria das análises permanece superficial, os remédios propostos também não atingem o fundo das coisas (JAPIASSU, 1976, p.31).

Da obra: Desistir do Pensar? Nem pensar! Ana Maria apresentou o recurso utilizado por Japiassu nessa obra, o autor elencou diferentes palestras realizadas e fez uma coletânea de palestras, lançado em 2001, foram destacados alguns pensamentos, entre eles o de que Japiassu já anunciava sua preocupação com o conformismo intelectual. Mencionou que nossa sociedade renunciou a pensar-se como algo de positivo e renunciou a pensar sobre atitudes. Considerou o mundo dominado pelo funcional e instrumental. Ele nos chamou a atenção para voltarmos a criar um sentido para nossa vida e estendê-lo para além dos nossos limites individuais.

Acreditar que para mudar o mundo é preciso pensar nele...com profundidade e querer mudá-lo!!!! Para ele o pensar não é apenas capacidade que o ser humano tem de formular representações mentais ou exercer atividade intelectual. Destacou com esse tema estudiosos como Platão que fez do pensar um discurso que a alma mantém consigo mesma sobre os objetos que examina.. Para ele pensar era um diálogo profundo consigo mesmo.

Descartes transforma o pensar em atividades exercidas pelo sujeito e produz o duvidar, entender, conceber, afirmar, querer, imaginar ou sentir. Ele vai conseguir construir representação mental da realidade.

Pascal: formula o princípio da ética ou inteligência da ação humana.

Hobbes acreditou que pensar é calcular...

Kant mencionou que pensar é unificar representações numa consciência

Alain mencionou que pensar é dizer não.

Heidegger : pensar é pensar que ainda não pensamos...

Levy Leblond reconhece: a ciência não pensa: faz um grande esforço para não pensar, mas aprimora máquinas...

Japiassu reforça que cada um de nós começa a pensar quando resistimos com força ao saber que se toma impropriamente pelo pensamento.

Todavia, o interdisciplinar deve responder a certas exigências: a criação de uma inteligência e de uma razão aberta, capazes de formar uma nova espécie de cientistas e de educadores, utilizando uma nova pedagogia etc. O candidato a ingressar numa aventura interdisciplinar deveria preencher, entre outros, os seguintes pré-requisitos:

ter a coragem de, todo dia, dizer a seguinte oração: “Fome nossa de cada dia nos dai hoje”

ter a coragem de devolver, à sua razão, sua função turbulenta e agressiva;

ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método saber colocar questões, não buscar respostas;

não perguntar ou “pensar” antes de estudar

estar consciente de que ninguém se educa com ideias “ensinadas”

não ousar fazer experiências que não sejam iluminadas pela razão, porque, do contrário, elas não merecem ser tentadas

ter coragem de sempre fornecer à sua razão, razões para mudar

não cultivar o gosto pelo “porto seguro” ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas.

Ana Maria complementou sua fala com a pergunta qual a grande ambição da Sociedade?

Para responder a essa questão trouxe Japiassu (2005, p.7) quando ele afirma que é tentar compreender o homem sob todos os seus aspectos: físico, moral, cultural, religioso etc. É o rigor do método científico.

Desde sempre as religiões e mitos propuseram respostas aos grandes enigmas sobre a natureza humana, é assim que Japiassu (2005, p.5) mostra a marcha da história e o sentido da vida humana. No Renascimento a grande contribuição foi a de promover a doutrina colocando o homem como valor supremo, não deveria se subordinar a nenhuma lei exterior (divina, natural ou histórica). Segundo o autor era o humanismo fundado na filosofia do sujeito, proclamava-se a sua liberdade e felicidade no centro das preocupações e decisões. O homem teve de esperar até o século XVIII para que houvesse um projeto para a fundação da ciência do homem.

Será verdade que as ciências humanas vivem uma época de renascimento. Terá chegado o tempo do fim da indeterminação paradigmática, turbulência e ostracismo como sugere Japiassu (2005, p.173).

As ciências humanas não divinizam mais o ser humano e nem sua dissolução. Hoje, segundo Dosse (*apud* Japiassu p.178) recusa toda a forma de dogmatismo e reducionismo e torna impossível o fechamento do homem numa lógica exclusivista.

É permitido aos pesquisadores hoje aceitam democraticamente as pluralidades e diversidades. Com isso cada vez mais manifestam-se projetos interdisciplinares, que visam o diálogo entre as ciências naturais, humanas e a filosofia.. Segundo Japiassu (2005, p.180) ao reconhecer novos pluralismos teóricos, A Interdisciplinaridade tem tentado transgredir as fronteiras disciplinares e buscar em outros saberes a valiosa contribuição e já estimulou abertura nas ciências cognitivas e comunicação. Muitos cientistas humanos voltaram à Filosofia para não mais pensar sobre, mas com, na tentativa de encontrar não mais verdades, mas a unidade de um momento de verdades. A Filosofia é um exercício do pensamento e coloca como os seres humanos se relacionam com o mundo e com os demais homens, buscando sentidos para o todo da condição humana.

O mais importante é que as ciências humanas renasceram para enfrentar os novos desafios e diferentes problemas práticos, os psicossociológicos e éticos. É o momento para refletir, interrogar, não basta apenas saber, mas avaliar as consequências desse saber. É o incentivo de resgatar o sentido do agir humano em todas as suas dimensões.

Todos os cientistas humanos têm um forte desejo de romper com as pretensões disciplinares, uma vontade enorme de promover a abertura, o diálogo, a descompartimentação e a transversalidade das disciplinas (Japiassu, 2005, p.183).

Ana Maria lembrou que Japiassu (2005, p.183) acredita que nenhum cientista humano pode renunciar ao exercício do pensamento, pois enquanto “velhos paradigmas se eclipsam, outros se tornam centrais”. O que se busca é a construção de uma disciplina adisciplinar. Ele está bastante preocupado com os novos paradigmas para as ciências humanas, que tem a função de ajudar os homens em suas decisões de ordem política, administrativa, terapêutica ou pedagógica. A reflexão surge com a exigência de uma epistemologia que não aceita que os “cientistas saibam sem saber que sabem e o que sabem” (2005, p.185), ou seja, não basta saber, a avaliação desse saber é o que importa. O autor ainda nos adverte ser fundamental conhecer o sentido do agir humano em todas as suas dimensões.

Professor Dr Ricardo Hage apresentou a importância de Japiassu em sua formação acadêmica e fez um estudo sobre a palavra crise nas Ciências Humanas mencionada pelo autor. Fez uma revisita a esse conceito no dicionário criado por ele.



Os Professores Drs Ana Maria Varella e Ricardo Hage dialogaram a partir de ideias de Japiassu, integrando a plateia aos ensinamentos do autor.

A Interdisciplinaridade teve início com a crise da Educação, da exigência de se pensar de forma diferente.

Crise existencial que move a todos e que ainda se mantém hoje. É a partir de crises que se tem vontade e energia para transformar.

Ivani Fazenda emocionada contou alguns detalhes de sua amizade com Japiassu e assim teve início a segunda parte da homenagem, Japiassu em sua intimidade.



Ivani Fazenda foi amiga pessoal de Japiassu, estudaram juntos e ele a apresentou a Georges Gusdof. Os três escreveram juntos.

Segundo ela, Japiassu por ser padre, exerceu o papel de pai para os que o leem. Uma missão belíssima. Convida a todos que façam algo importante para poderem deixar como marca também.

A parte mais delicada apresentada foi a pessoal, sua vida vivida com muita simplicidade, com desapego, foram destacadas suas últimas conversas ao telefone, seus pedidos e sua delicada partida...Quem as apresentou foi sua sobrinha, que teve convivência direta com ele, Danúsia. Seus depoimentos emocionaram aos presentes.



Danúsia destacou a simplicidade de como Japiassu vivia. Ele viajava apenas com uma mala, com poucas roupas, sua simplicidade era um exercício pleno de humildade.

Uma vez ao ano, ele mesmo escolhia a data de ficar com ela alguns dias em sua casa. Passavam horas conversando na madrugada. Ela se emocionou várias vezes durante o depoimento.

Disse que os últimos escritos deixados por Japiassu, são sobre o tema felicidade.



Professor Odair apresentou alguns aspectos de Japiassu no prefácio do livro de Ivani Fazenda.



Uma homenagem final declamada e cantada por Jaime Paulino ecoaram no ar e todos puderam sentir a presença do amigo, professor, estudioso Japiassu. Se seus últimos escritos falam de felicidade, essa é sua mensagem final que  
s e j a m o s f e l i z e s . . .

O que ficou no ar? A confiança de que mesmo vivenciando um mundo com crises, mortes violência, desrespeito, haverá sempre a possibilidade dos que escutando a própria alma, possam querer realmente se movimentar para transformar o mundo, como era seu desejo...

Nesse momento é um convite à vida manifestado tantas vezes nos escritos de Fazenda. Uma reverência a ela, uma homenagem presentificada por seus pesquisadores...à querida Mestra.

Numa sala de aula interdisciplinar, a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. [...] Outra característica observada é que o projeto interdisciplinar surge às vezes de um que já possui desenvolvida a atitude interdisciplinar e se contamina para os outros e para o grupo. [...] Para a realização de um projeto interdisciplinar existe a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente claro, coerente e detalhado, a fim de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele (FAZENDA, 1994, p. 86-87).

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento (FAZENDA, 1994, p. 82).





Comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida.

*Profa. Dra. Ivani fazenda*

IAS

Naquela manhã de homenagem a Japiassu havia uma *força estranha*<sup>3</sup> no ar e Caetano Veloso foi a referência:

“Eu vi um menino correndo, eu vi o tempo...”

“...por isso essa força estranha no ar...”

Agradecimento especial aos que compuseram esta homenagem a Hilton Japiassu.



---

<sup>3</sup> Letra de Caetano Veloso: Força Estranha



PORTUGUES

MATEMATICA

Agradecimento aos pesquisadores presentes



PARADISE

CIÊNCIAS

HISTÓRIA





#### Referências

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro, Imago, 1976.  
JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber, Rio de Janeiro: Imago, 1976.  
FAZENDA, Ivani C. A. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.



4



Gratidão imensa pelo grande momento que pudemos desfrutar.

A cada um em particular pela união que se fez LUZ!!!!

Mil beijos  
(Ivani)<sup>5</sup>

Passada a grande emoção de um encontro marcante como foi o de ontem, apresento os meus sinceros cumprimentos pela elaboração, condução e apresentação da vida e obra do Filósofo Japiassu. Quase nada sabia sobre ele e agora muito tenho a pesquisar e me encantar. Parabenizo-os por todos os textos, músicas e falas que fizeram a eternidade daquele momento. A energia presente era muito grande e fluida, pois todos sentiram-se participantes e engajados no conhecer. Preciso destacar as belíssimas palavras da Prof. Ivani, que sempre nos dá uma inspiração ainda maior e nos abre caminhos, com intervenções aparentemente pequenas, mas que possuem a grandiosidade da grande orientadora e mestra. A você Ana Maria, seguidora fiel e cuidadosa de todos os detalhes, parabéns pela tranquilidade e segurança com que fez aquelas horas serem sentidas como poucos minutos de saber e felicidade. Com carinho e amizade a todos.

(Maria Regina<sup>6</sup>)

Agradeço por ter participado da linda homenagem que vocês prepararam ao nosso MESTRE Japiassu. Há anos eu leio os seus escritos, leio também os escritos da Professora Ivani. Minha dissertação de mestrado é toda sobre a interdisciplinaridade. Agradeço a Deus todos os dias a oportunidade de APRENDER com todos Vocês. Com Japiassu o que Ele me deixou foi o desejo pela Inovação que nos leva à Felicidade!!. Confesso a vocês que depois disso sou infinitamente FELIZ. Portanto tenho muito a agradecer a Japiassu. O que precisar de mim estarei sempre disposta a colaborar. Obrigada pelo dia de hoje, obrigada por me permitir aprender e me enriquecer com todos vocês. Com carinho. Abraços!!!  
(Rita Reis<sup>7</sup>).

Parabenizo pela belíssima manhã de quinta, na aula-homenagem a Japiassu. Emocionante! Ampliei e muito os conceitos deste

---

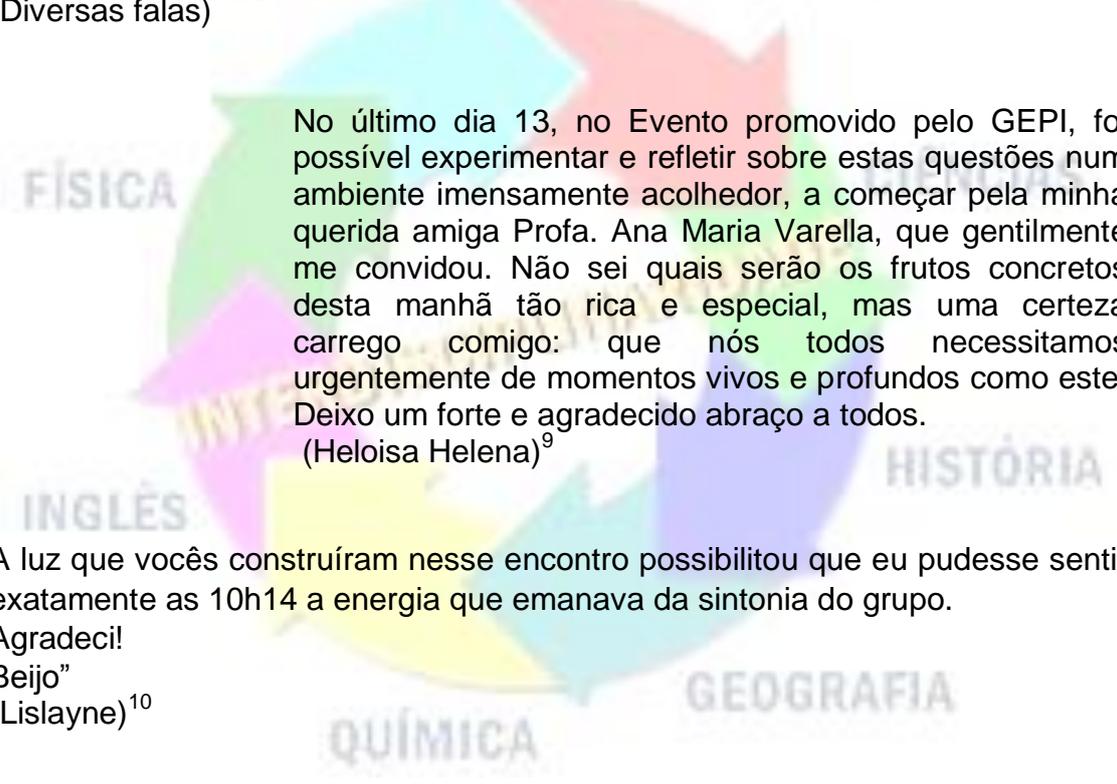
<sup>5</sup> Ivani Catarina Arantes Fazenda. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade- PUC/SP.

<sup>6</sup> Maria Regina Cerávolo de Melo Zerey. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade- PUC/SP.

<sup>7</sup> Rita Reis. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade- PUC/SP.

parceiro de nossa querida Professora Ivani! Grande abraço, Ana Maria Varella e colegas envolvidos na belíssima apresentação de hoje!”  
(Sueli)<sup>8</sup>

Foi um momento lindo que me alimentou a alma!  
Morte que se transforma em vida: uma manhã iluminada!  
Participar do Evento em Homenagem ao Prof. Hilton Japiassu foi uma experiência de transformação e reflexão sobre temas que transcendem a vida acadêmica:  
Como falar de morte, transbordando em vida?  
Como homenagear um pensador, falando de tanto sentimento?  
Como reunir pessoas tão diferentes, numa mesma vibração?  
Como falar de crise, sem ceder à desesperança?  
(Diversas falas)



No último dia 13, no Evento promovido pelo GEPI, foi possível experimentar e refletir sobre estas questões num ambiente imensamente acolhedor, a começar pela minha querida amiga Profa. Ana Maria Varella, que gentilmente me convidou. Não sei quais serão os frutos concretos desta manhã tão rica e especial, mas uma certeza carrego comigo: que nós todos necessitamos urgentemente de momentos vivos e profundos como este!  
Deixo um forte e agradecido abraço a todos.  
(Heloisa Helena)<sup>9</sup>

A luz que vocês construíram nesse encontro possibilitou que eu pudesse sentir exatamente as 10h14 a energia que emanava da sintonia do grupo.  
Agradeçi!  
Beijo”  
(Lislayne)<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Sueli. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade- PUC/SP.

<sup>9</sup> Heloisa Helena Genovese de Oliveira Garcia. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade- PUC/SP.

<sup>10</sup> Lislayne Carneiro. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade- PUC/SP.



## A LUZ DA ESPERANÇA

Era uma vez uma história que gostava de ser contada.  
Ela sentia que aproximava as pessoas.  
Somente podia ser contada quando os olhos se encontrassem.  
A energia que gerava era tão forte que a história era devorada pelo fogo gerado.  
A história foi se transformando assim numa luz.  
Uma luz que iluminava o Encontro.

Começou a ser contada nos hospitais, aos pacientes terminais e eles se aqueciam para enfrentar a ideia fria da morte próxima.  
Depois era contada a pacientes graves que viam aumentadas as possibilidades de cura.  
Foi levada às prisões e pela primeira vez os presos descobriram o calor da luz gerada por alguém que se interessava por eles.  
E a libertação das trevas tinha início...

Foi levada às escolas, e a luz era tanta, que as crianças sentiam forte o desejo de guardarem no mais dentro o calor desse tempo.  
Foi levada ao campo de batalha e os soldados puderam enxergar que ainda existiam seres humanos...  
Foi levada aos escritórios, e os funcionários sentiram uma alegria impossível, até então, na burocracia e na rotina.  
Foi levada ao homem do campo que pensou que o sol havia despontado na terra...  
Foi levada ao Criador que lembrou a razão da criação.

Até Sempre!  
Ruy



## 1 JAPIASSU EM TEMPOS DE CRISE.

*Ricardo Hage de Matos<sup>11</sup>*

A morte de Hilton Japiassu, ocorrida no início de 2015, é um dos elementos que fazem parte em meu imaginário da crise por que passo individualmente e da crise por que passamos como coletividade.

Minha crise como indivíduo revela-se em perdas pessoais e profissionais pelas quais todo ser humano passa alguma vez na vida. Essas perdas fazem parte do que podemos chamar de experiência humana.

Já a crise por que passamos coletivamente revela-se por perdas econômicas e políticas gigantescas e imponderáveis do ponto de vista do presente histórico. Essas perdas também fazem parte da experiência humana, embora numa dimensão política e de nação.

Essas duas dimensões de crise se caracterizam por um ponto em comum: um questionamento de profundo teor existencial.

Pensar na crise existencial atual que assola nosso cotidiano fez com que eu não pudesse deixar de lembrar das semelhanças entre este momento histórico e o início da década de 70 do séc. XX, época em que Japiassu começa a sistematizar suas reflexões sobre a crise das ciências em direção ao que seria uma das sementes do que hoje chamamos de pesquisa em interdisciplinaridade.

Naquela época o termo Interdisciplinaridade surgiu como uma reação a sensação de falência do pensamento positivo, dos sistemas políticos e educacionais dos anos 1960 cujas manifestações estudantis mundiais de 1968 aparecem como ponto de inflexão.

A pesquisa de Japiassu tentava responder às suas próprias ansiedades em relação àquela época e suas reflexões tomam substância em 1975 ao terminar seu trabalho de doutoramento na Pós-Graduação em Filosofia com foco em Epistemologia e História das Ciências na Université des Sciences Sociales de Grenoble, França.

O Título do trabalho é absolutamente preciso e revelador de suas preocupações: L'épistémologie des relations interdisciplinaires des les sciences

---

<sup>11</sup> Ricardo Hage: Arquiteto, Urbanista, Mestre e Doutor em Educação. E-mail: [ricardo@ricardohage.com](mailto:ricardo@ricardohage.com)

humaines (A epistemologia das relações interdisciplinares das ciências humanas).

A partir desse momento seus trabalhos sempre revelam a preocupação com a falência dos sistemas científicos em relação a crise da humanidade e é nesse sentido que entendo Hilton Japiassu como um “Epistemólogo da Crise”: “Espistemólogo pelo desejo profundo de entender os processos de construção de conhecimento científico, e “da Crise” por ter como ponto de origem de sua problemática os momentos de inflexão na história da ciência e da humanidade.

Um momento como este é o que vivemos hoje e para que eu possa fazer uma simples tentativa que seja de entendimento da crise atual preciso resgatar a memória de meu encontro com o pensamento de Japiassu. Preciso destacá-lo em minhas memórias como fundamento da pesquisa em Interdisciplinaridade compreendendo o impacto causado em nosso campo de estudos a partir de seu relacionamento teórico e pessoal com Gusdorf e Fazenda desde as décadas de 70 e 80 do séc. XX. Para reavivar essas memórias fui atrás de meus escritos, meus registros, enfim, minhas pesquisas.

Como primeiro passo procurei por referências suas em meus trabalhos escritos. Pesquisando pela palavra chave “Japiassu” no arquivo em PDF de minha tese de doutoramento acabei achando a síntese do seu impacto em minha formação como pesquisador. Neste trabalho, ao falar sobre o processo de criação do logotipo da Interdisciplinaridade, imagem da qual sou autor, declaro meu desconforto sobre o resultado final do logotipo e descubro o tipo de influência que Japiassu teve sobre mim:

“...o elemento gráfico resultante tem uma leitura metafórica completamente nova, diversa de seus elementos compositores e que me possibilitaram avanços surpreendentes. Um deles, posso adiantar, tem a ver com o fato de que, estruturalmente, a imagem final é muito parecida com a bandeira do Brasil, elemento formal construído a partir de idéias formais positivistas. Como sou uma pessoa a quem JAPIASSU exportou sua alergia ao Positivismo esse é um dado que se mostra muito revelador. “

Sim, através de seu pensamento Japiassu exportou para muitos seu processo crítico a um Positivismo impositor de um rigor científico rígido, que Fazenda uma vez traduziu como sendo um rigor triste.

Este rigor, que muitas vezes acaba transferido para o dia a dia acadêmico na forma de normas e protocolos de pesquisa, processos de avaliação e até mesmo normas de composição tipográfica de trabalhos científicos que nada têm a ver com a real natureza do rigor científico, muito menos com a possibilidade de dar verdadeira confiabilidade a pesquisas, seja lá em que área do conhecimento elas se situarem.

Como fenomenólogo auto intitulado que sou encontrei nas entrelinhas de Japiassu a idéia de que nenhum tamanho de fonte de texto ou tabulação de margem exótica valida ou invalida um novo conhecimento científico.

É nesse sentido que afirmo que Japiassu faz uma crítica constante ao meio científico brasileiro e a um certo tipo de comportamento acadêmico que valoriza a criação de rituais sagrados e muitas vezes sem sentido.

Um dos momentos em que pude afirmar a percepção de um “Japiassu nas entrelinhas” foi um encontro que o GEPI proporcionou com o pesquisador em 2002. Nesta época eu estava finalizando minha dissertação de doutorado onde discutia basicamente a situação que o ensino de Arte enfrentava com a introdução de disciplinas de Arte e Tecnologias Contemporâneas nos cursos de Artes Visuais ou Artes Plásticas.

Naquela época era comum que os pesquisadores da área de Artes em geral declarassem um certo desprezo aos trabalhos de comunicação de massa que estivessem ligados a ideia de indústria cultural e capital. Ainda hoje é comum que se exija uma ligação do trabalho artístico com a realidade da sociedade atual desde que ela seja ideologicamente alinhada com pensamento crítico ligado aos problemas sociais e políticos.

Expressões artísticas de massa que possam ser ligadas à exploração capitalista e veiculação de valores liberais, dessa forma as novelas de televisão não seriam importantes como fundamento ou influência artística.

Em síntese, um pesquisador da área de artes ou das ciências humanas não deve gastar tempo com novelas! Doutores não veem novela...

E eu via, e vejo até hoje!

Voltando à reunião de Japiassu com o GEPI, coloquei essas questões e pedi sua opinião. Ele apenas disse que eu mesmo já tinha dado a resposta e ele tinha razão: em minha arrogância eu havia apresentado um pensamento fechado, resolvido, no fundo só queria sua legitimação, e ele que não era bobo nem nada devolveu a bola sem dar opinião.

No entanto uma convidada de fora do grupo e que eu não conhecia resolveu questionar Japiassu de uma maneira no mínimo estranha fazendo menção a sua condição de padre católico e de como era possível para um religioso visitar templos de Umbanda ou terreiros de Candomblé sem comprometimento religioso. Ela referia-se a uma pesquisa de cunho etnográfico que Japiassu havia concluído alguns anos antes. Não me lembro muito bem da resposta dada mas lembro que após falar um pouco sobre multiculturalismo Japiassu olha em minha direção e termina sua fala com um leve riso e um sonoro “inshala!”, o bordão da pequena Khadija, personagem da novela O Clone, grande sucesso da época.

Japiassu também via novelas!

Esse era o “Japiassu das entrelinhas”, um pesquisador que pensa sobre a realidade como um todo sem ser tolhido por barreiras disciplinares ou ideológicas mas que, ciente das condições de cerceamento do pensamento vigentes na academia, revela seu pensamento apenas para aqueles que se dispõem a ouvir o “lado B” de seu discurso.

A crise por que passamos atualmente também atinge a academia exatamente no seu mecanismo de patrulhamento e cerceamento ideológico e isto é muito bom pois possibilita que um novo influxo de idéias de todos os matizes sejam discutidos e não mais calados. No entanto é preciso tomar cuidado para que o rigor científico, o rigor real e não aquele que se traduz em normas como disse anteriormente, seja preservado.

Para falar desse “rigor científico real” lembrei-me de mais uma situação em que o trabalho de Japiassu esteve envolvido.

Ao longo de minha experiência profissional como orientador de trabalhos de pesquisa na graduação e no strictu sensu sempre me deparava com a dificuldade

que meus alunos tinham com a compreensão e utilização dos conceitos científicos e filosóficos básicos envolvidos em suas pesquisas.

Eles adoravam usar termos acadêmicos, técnicos e filosóficos apenas como jargão, as vezes não fazendo a menor ideia do que realmente significavam. Na realidade muitos tinham muita insegurança sobre suas pesquisas vivendo a sensação de que poderiam ser questionados por sua fragilidade teórica.

Cheguei mesmo a receber um aluno para orientação que se apresentou como sendo um grande pensador. Ele dizia que já contava com um trabalho pronto sobre teoria artística e ensino de artes fundamentado na Semiologia (estávamos em um programa de mestrado em Artes Visuais).

Dentro do que chamaria de minha postura de “humildade vigiada” (distorcendo o conceito de espera vigiada em Fazenda) e de uma abertura interdisciplinar perguntei a ele o que o termo semiótica significava em seu trabalho pois não fazia parte de meu campo de estudos e talvez eu não tivesse condições de orientá-lo.

Recebi como resposta um discurso incrivelmente elaborado e hermético o qual, para fins de ilustração, denominaria como o de uma Poesia Surreal: sem verbos, concordância ou sentido.

Como minha formação na área de pesquisa se deu no âmbito do GEPI-Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade sob orientação de Ivani Fazenda sou inflexível na idéia de que conceitos claros e precisos são fundamentais na busca do rigor numa pesquisa.

Numa área tão “imprecisa e indireta” como a pesquisa em Interdisciplinaridade essa necessidade é maior ainda.

Foi por isso que a existência do dicionário filosófico de Japiassu e Marcondes foi fundamental na resposta que dei ao aluno do Mestrado em Artes: pedi que procurasse o dicionário na biblioteca, pesquisasse o termo semiótica e voltasse depois para continuarmos a conversa. Ele foi, descobriu que seu trabalho não tinha nada a ver com aquela área e acabei me tornando seu orientador.

Esse dicionário, escrito em parceria com Danilo Marcondes, merece um capítulo a parte na memórias de minhas experiências como pesquisador e orientador de pesquisas. O Dicionário Básico de Filosofia apesar de ser voltado a um público amplo e de apresentar diversas correntes filosóficas em seu escopo acaba sendo um bom exemplo de como se revela o pensamento dos dois autores.

Fica difícil, talvez impossível, perceber onde termina Marcondes e onde começa Japiassu, e vice versa, mas de qualquer maneira a preocupação com a síntese, o didatismo e o rigor são evidentes.

O livro tornou-se bibliografia básica para meus alunos: antes de perguntar sobre um conceito fazia com se acostumassem a abrir o dicionário como exercício de

formação de uma autonomia de pesquisa. Muitos acabaram por carrega-lo o tempo todo, tornou-se um livro de cabeceira para alguns.

É interessante lembrar do dicionário neste momento. Existiria o verbete “Crise”?

E procurando, achei:

crise (gr. krisis: escolha, seleção. decisão)

1. Em seu sentido primeiro, a crise designa a manifestação aguda de uma doença, um momento de desequilíbrio sensível. Ex.: uma crise de asma.

2. Em um sentido genérico, significa uma mudança decisiva no curso de um processo. provocando um conflito ou um profundo

estado de desequilíbrio.

3. Politicamente, é um conflito que afeta os membros de um Estado, a natureza de suas instituições e de seu regime político.

4. Em seu sentido moral, é um conflito resultante da contestação dos valores morais. religiosos ou filosóficos tradicionais. que

passam a ser considerados como superados e nefastos ao desenvolvimento e à plena realização do homem.

5. Economicamente. uma crise pode ocorrer por insuficiência de produção ou. ao contrário, por superprodução. Trata-se de um desequilíbrio entre produção e consumo, seja por insuficiência de produção, seja por excesso.

O verbete sobre o conceito de crise é um exemplo claro da ideia de dicionário, um texto mínimo que nos leva ao âmago do conceito.

Iniciemos pelo início. A origem grega da palavra crise significa escolha, seleção, decisão. Daí posso entender que o momento de crise é um momento

de escolha de novas propostas, caminhos, situações... É o momento que vivemos atualmente.

Esse momento de escolha pode não ter sido escolhido. Em nosso caso parece ter sido imposto: temos que mudar por que não há mais condições de ficarmos na mesma situação pois ela se revelou apodrecida, corrompida. É o primeiro sentido de que nos fala o dicionário, a “manifestação aguda de uma doença”.

O profundo desequilíbrio promovido pela mudança de curso que nos fala o segundo sentido de crise do dicionário filosófico e a náusea resultante deste movimento é o que sentimos atualmente em nossa nação. Estamos em pleno processo de mudança mas ainda sem rumo, portanto o enjoo é inevitável.

O terceiro sentido de crise que nos fala o dicionário é talvez sua manifestação mais aguda: a política e suas instituições. A meu ver parece que essa esfera não se deu conta de que o “Contrato Social” foi rompido ou modificado. A classe política vive a incerteza causada pela falta de legitimidade que a transformação do “código do consumidor” em “Contrato Social” gerou. A população vê o estado como mais um provedor de serviços, que provê serviços de baixa qualidade, e não está mais interessada em manter esse “negócio” funcionando.

A situação política também tem ligação com o quarto sentido do conceito de crise, a contestação das questões morais. Aqui a educação tem papel importante tanto na formação quanto na deformação da compreensão dos indivíduos sobre seu papel na sociedade e em sua relação com seus pares. No caso do Brasil a crescente ideologização de todo o ensino com interesse na formação de indivíduos comprometidos com um projeto de poder específico acaba criando uma massa de manobra acrílica. Uma população composta por analfabetos funcionais torna-se incapaz de entender sua realidade como um projeto de vida individual e acaba usando como metodologia de vida uma atitude instintiva, violenta e geradora de violências.

A igreja Católica, religião historicamente ligada à construção do processo civilizatório no Brasil perde seu papel moralizador, sendo rapidamente atropelada pela laicização da população ou pela crescente influência de igrejas moralistas detentoras de um discurso direto, de fácil entendimento.

A crise moral tanto é resultado quanto resultante da crescente brutalização que acomete a população.

E então chegamos ao quinto sentido da idéia de crise, a econômica. Por mais que os meios de produção não tenham conseguido historicamente produzir uma distribuição de renda que desse conta do desejo humano por uma vida segura e recompensadora não podemos negar um avanço paulatino e mundial em direção a redução das desigualdades sociais por meio da geração de mais riqueza.

Crises econômicas criam grande tensão pois interrompem esse processo de enriquecimento evidenciando a fragilidade do processo. Esse tipo de crise obriga o ser humano a confrontar a possibilidade de perda da pouca qualidade

de vida alcançada. Em muitos casos a perda dos meios econômicos inviabiliza a própria sobrevivência dos indivíduos criando grande tensão, descontentamento e algumas vezes violência.

Podemos perceber aqui como os vários sentidos de uma crise se inter relacionam: as crises política, moral e econômica se relacionam de maneira elástica gerando energia para um momento de mudança. A forma como essa energia será direcionada depende da profundidade de cada sentido e dos elementos amortecedores ou impulsionadores que elas gerarem.

Com o estudo de um simples verbete em um dicionário temos a possibilidade de ver uma crise como a atual de maneira muito mais complexa do que muitas leituras dicotômicas da realidade que estão sendo veiculadas pelos meios de comunicação e pela própria academia.

Com esse exemplo quis demonstrar as possibilidades de uma leitura do pensamento de Japiassu em um momento de crise. Mais que isso, quis exemplificar como funciona o olhar interdisciplinar sobre um de seus próprios fundadores.

Temo que a profundidade da crise atual seja a maior pela qual já passamos como nação. Do ponto de vista pessoal estudar a situação através dos fundamentos da Interdisciplinaridade já é o suficientemente reconfortante.

Creio que a qualidade do pensamento de um pensador não possa ser avaliada pela quantidade de livros, artigos e lugares por onde este ensinou, mas sim pela marca indelével que suas ideias deixam em nosso modo de pensar. Acredito que esse seja o caso das ideias de Hilton Japiassu, uma forma de pensar que compõe a própria tessitura da pesquisa em Interdisciplinaridade, da metodologia de pesquisa de seus pesquisadores e da forma como nós, ligados à superação das crises existenciais na academia, pensamos a realidade.

# ARTIGOS



## 1 Hilton Ferreira Japiassu (1934-2015).

Lislayne Carneiro<sup>12</sup>

*“Indivíduos que não busquem nenhum Porto Seguro porque não existe, só na Bahia”.*

*Hilton Japiassu*

**RESUMO:** Trata-se de um artigo que reúne pensamentos do Prof. Japiassu. Para ele a tomada de consciência é o processo contínuo da mudança da prática docente que adota a desfragmentação das disciplinas e versa pela contextualização das áreas do conhecimento abrindo caminho para a qualidade. A interação, a troca e o diálogo como prática pedagógica contextualizam os desafios escolares e oportuniza decisões coletivas unindo os saberes e modificando o papel do indivíduo ao ampliar o ato participativo dos docentes valorizando suas ideias e opiniões.

**PALAVRAS-CHAVE:** transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, diálogo.

Escrever sobre o professor Japiassu é um desafio gratificante.

O Professor Doutor Hilton Japiassu, desde a década de 70 quando fez um curso com Jean Piaget, manifestou seu interesse pelos conceitos da transdisciplinaridade e da interdisciplinaridade. Sendo um dos maiores teóricos brasileiros sobre o tema e construindo o movimento contrário à fragmentação no processo de ensino. Defendendo a completude da união das disciplinas e a interação dos atores da educação: os professores.

Como professora do Ensino Fundamental, atuando na Educação Básica, as questões colocadas por Japiassu são relevantes para que possamos refletir sobre o sistema de formação dos professores que não transforma a práxis do docente.

Surge uma necessidade de construir um diálogo que possa conciliar as disciplinas e acabar com cursos de Especializações que não tem o objetivo de levar os pares a interação enriquecendo todas as relações no cotidiano escolar perpetuando a fragmentação do horizonte epistemológico: que tornam a formação uma fonte de informação se distanciando do conhecimento - sabendo cada vez menos, sabendo de tudo e não sabendo sobre nada.

Japiassu (2013) afirma que “O excesso de informação não só desinforma, mas deforma”.

---

<sup>12</sup> LISLAYNE CARNEIRO: mestranda do Programa Educação/Currículo, PUCSP. E-Mail: lislayne@uol.com.br

A tomada de consciência é o processo contínuo da mudança da prática docente que adota a desfragmentação das disciplinas e versa pela contextualização das áreas do conhecimento abrindo caminho para a qualidade.

A interação, a troca e o diálogo como prática pedagógica contextualizam os desafios escolares e oportuniza decisões coletivas unindo os saberes e modificando o papel do indivíduo ao ampliar o ato participativo dos docentes valorizando suas ideias e opiniões. .

Japiassu (2013) pregava que o grande desafio lançado ao Pensamento e a Educação é a contradição entre um saber cada vez mais globalizado e a persistência em manter e fomentar um conhecimento privilegiando os saberes fragmentados.

Combater e acabar com o compartimentação das disciplinas é uma necessidade do hoje, urgente, que requer uma reforma educacional que promova na Educação uma visão transdisciplinar com a abordagem científica; é necessário retomar a visão e a promoção dos aspectos humanos e culturais no trabalho curricular.

O maior empenho para modificar esta visão faz parte da contextualização das disciplinas no registro pedagógico da escola: Projeto Político Pedagógico, e a avaliação do problema – a fragmentação - em todos seus ângulos e formas. A solução se dará ao permitir que os docentes compreendam o mundo atual e a complexidade do ser humano.

Respeitar às ambiguidades humanas, e renovar fontes de inspiração reformulando o pensamento para constituir os componentes que podem viabilizar um conhecimento melhor (YOUNG, 2013) e criar a capacidade de pensar a diversidade no contexto e enfrentar o mundo porque passamos a conhecê-lo.

Como educadores, segundo Japiassu (2013), devemos construir realidades solidárias e entender que os pensamentos não devem ser para uma coisa porque as coisas são múltiplas é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo.

Em nota, publicada no jornal O GLOBO, no dia 30 de abril de 2015, o jornalista Alcino Demby escreve sobre *a solidariedade e bom humor* de Japiassu como traço marcante da sua personalidade e ressaltando na sua trajetória profissional as amizades que foram construindo no espaço e no tempo da sua vida: *encontros semanais em sua casa com os alunos, ex-alunos, filhos de alunos, professores e grupos de diferentes idades que conheceu durante sua caminhada.*

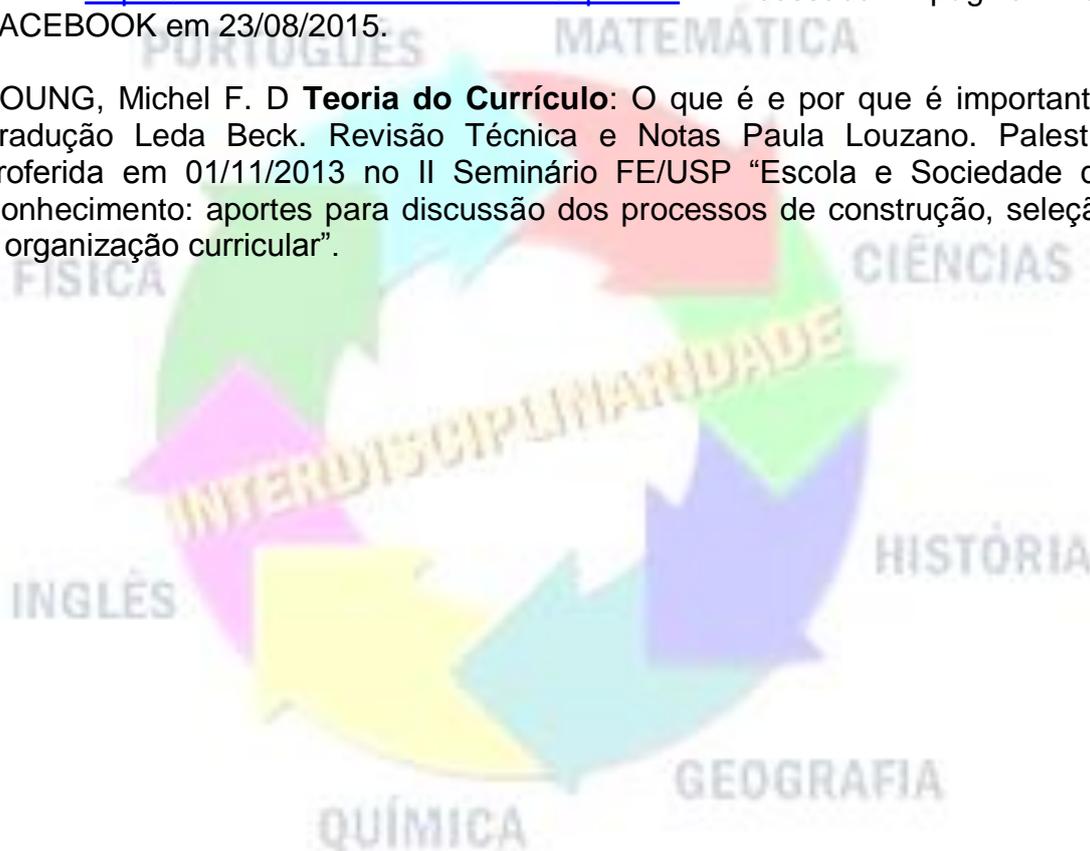
Finalmente, podemos continuar refletindo nossa prática a partir das palavras que Japiassu cita no encontro com os professores, tomada de Blaise Pascal, "*o coração tem razões que a própria razão desconhece*". Ressaltando que é tempo de enfrentar os novos desafios e unir as forças e as paixões para entender o novo.

## REFERÊNCIAS.

JAPIASSU, São Paulo. Fórum Interdisciplinar Educação e Interdisciplinaridade: um convite ao diálogo. **O sonho Transdisciplinar**. Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL. VII 25 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZGQdSyO77t0> Acessado em 23/08/2015

DEMBY, Alcino. **Hilton Ferreira Japiassu. Escritor, professor e frade, aos 81**. Nota publicada em 30/04/2015. São Paulo: Jornal O GLOBO. Disponível em: <https://www.facebook.com/HiltonJapiassu> Acessada página do FACEBOOK em 23/08/2015.

YOUNG, Michel F. D **Teoria do Currículo**: O que é e por que é importante. Tradução Leda Beck. Revisão Técnica e Notas Paula Louzano. Palestra proferida em 01/11/2013 no II Seminário FE/USP “Escola e Sociedade do Conhecimento: aportes para discussão dos processos de construção, seleção e organização curricular”.



## 2 CAMINHOS DO SABER: reflexões.

Vera Brandão<sup>13</sup>

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo uma revisita ao trabalho de pós-doutoramento em Ciências Sociais – Antropologia, na perspectiva interdisciplinar proposta por Fazenda, tendo como guia o filósofo Hilton Japiassu, na análise da construção do saber em um tempo de mudanças aceleradas, por meio das narrativas de professores universitários e artistas plásticos. Buscou desvelar a articulação entre as bases teóricas das disciplinas: Antropologia, Sociologia, Filosofia, Arte, Memória Social e Educação exercício interdisciplinar a partir do qual propomos uma reflexão renovada sobre pesquisa, análise e ação formativa. Indicamos, nesta perspectiva, a relevância do pensamento de Japiassu na abertura dos caminhos que trilhamos, desde então, como base formadora de nossa atuação profissional como educadora.

**Palavras-chave:** Construção de saberes, interdisciplinaridade, pesquisa e ação formativa.

Este artigo resulta de uma revisita ao doutorado em Ciências Sociais – Antropologia<sup>1</sup> no qual a obra de Hilton Japiassu *Desistir do Pensar? Nem Pensar* (2001) teve fundamental influência, no amadurecimento de minhas reflexões à época, reafirmando minhas práticas e consolidando a formação como educadora.

O Sapere-aude - ouse pensar, tenha coragem de usar sua inteligência - como proposto pelo autor, veio de encontro a questões que norteavam a investigação, fortalecendo o enfoque almejado ao assumir uma reflexão “de risco”, como me foi alertado à época.

Ouvi de muitos que minha “ousadia” poderia custar o bom êxito de um projeto muito “ambicioso”, ao buscar os caminhos do conhecimento inter-relacionando saber e arte. Ou a arte do e no saber! Sempre considerei a aula na qual o professor nos faz ir além da mera explanação e desafiar o senso comum, o já conhecido e pensado, e nos despertar para novas possibilidades, uma obra de arte. Tive o privilégio de participar de muitos desses momentos e gostaria de desvela-los, em investigação de como se constrói o saber, por meio das narrativas de professores e artistas.

---

<sup>13</sup> **VERA BRANDÃO** – Pós-doutoranda em Gerontologia Social – Programa de Estudo Pós Graduado em Gerontologia / PUCSP; Mestre e Doutora em Ciências Sociais- Antropologia/ PUCSP; Pedagoga (USP). Pesquisadora CNPq (PUCSP). Docente COGEAE; Coeditora da Revista Portal de Divulgação. <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/index> E-Mail: [veratoridinobrandao@hotmail.com](mailto:veratoridinobrandao@hotmail.com)

O Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – GEPI - do qual passei a participar no ano 2000 a convite da profª Ivani Fazenda – apresentou-se como espaço necessário ao desenvolvimento da pesquisa, no qual tomei contato com as premissas interdisciplinares, como atitude de abertura frente aos saberes, e que se aliavam aos pressupostos de Japiassu, especialmente na obra acima citada.

O trabalho a que me propunha, visto como “estranho”, audacioso e de risco teve no GEPI o lugar de descobertas, encontros e encantos do pensamento livre e ampliado, no qual me senti acolhida e compreendida, no ouvir e partilhar entre tantas questões trazidas as que me inquietavam. Nele o “ouse pensar” era a prática corrente....Ousei.

Caminhando...

Neste tópico, indico o caminho de construção do saber trazendo alguns dos autores entre os quais se estabeleceu um “diálogo” interdisciplinar fruto das “ousadias” dessa jornada de “aventura” na busca da beleza dos caminhos do conhecimento. Dos estudos na área das Ciências Sociais, até então realizados, um autor se destacava: o antropólogo George Balandier. Foi da leitura da obra A Desordem. Elogio do movimento (1997) que surgiu a questão de base do doutorado: como se constrói o saber em um tempo de movimento mais incerteza, que caracteriza a sobremodernidade?

Sobremodernidade é o termo utilizado pelo autor para designar o mundo em mudança, que acreditamos de maior abrangência e significado, do que outro mais utilizado - pós-modernidade -, porque transmite a ideia de superposição, acumulação, em que nada é desprezado, mas (re) significado, na perspectiva de processo.

Conversando com os colegas da Universidade e alunos a respeito das aulas, dos textos e dos próprios professores, constatávamos que, diante da pressão exercida pela sociedade de consumo, as soluções instrumentais dirigidas ao mercado de trabalho eram estendidas ao ensino e à pesquisa. Diante de tal panorama, a sensação era de apenas “obrigações e prazos a cumprir”, para professores e alunos. Como afirma Japiassu (2001) “há algo surpreendente nas universidades: o clima de medo que nelas reina. Todo mundo parece ter medo de todo mundo”, pois, como anunciava, “a lógica do conhecimento submete-se à lógica da encomenda, conseqüentemente, à lógica do mercado” (JAPIASSU, 2001, pp. 78-79).

O medo que norteia as relações e dinâmicas acadêmicas era, e ainda é, uma verdade! As indagações se multiplicavam: como incorporar, na pesquisa e na docência, as experiências de vida e trabalho, cada vez mais ignoradas, em um momento de supervalorização do conhecimento tecnocientífico? Como indicar o caminho possível de articulação e construção de saberes renovados, na perspectiva fenomenológica, vista como “de risco” tendo como perspectiva apenas o “rigor acadêmico”?

Em sua crítica ao “modelo” vigente, Japiassú comenta:

Tanto os professores quanto os alunos podem subordinar seu ensino e sua aprendizagem às palavras de ordem das necessidades do mundo econômico.

Profissionalizar consiste, antes de tudo, em reduzir o campo dos conhecimentos, a pretexto de especialização necessária à eficácia, à rentabilidade (da formação, do formado e do formador). Neste sentido, é altamente castradora da liberdade, pois faz demasiadamente concessão ao saber, só levando o indivíduo a aprender o que é útil. Se o especialista é alguém que possui grandes lacunas em sua ignorância, profissionalizar significa aumentar estas lacunas (JAPIASSU, 2001, p. 85).

O mundo atual, de mudanças cada vez mais aceleradas, nos faz perceber hoje, nesta revisita ao doutorado apresentado em 2004, que nossa imaginação sobre o futuro é sempre tímida frente à rapidez na evolução do conhecimento.

Mas a afirmação de Balandier de que a modernidade é o movimento mais a incerteza (1997, p.11) ainda se mostra adequada para descrever o cotidiano, em todos os aspectos da vida privada e social. E se tudo é movimento e incerteza como valorizar a experiência, pensada no contexto da construção do pensamento e conhecimento acumulado e articulado, na perspectiva das trajetórias do vivido? Afirma o autor:

A época é cada vez menos propícia para uma representação linear do percurso de vida, a uma gestão do tempo que acompanha a duração do tempo sob a única reserva dos cortes atribuídos à má sorte ou à fatalidade. A incerteza prevalece, o presente está para ser conquistado sem prazo determinado e o ciclo da vida individual toma o aspecto de uma corrida de obstáculos. É um tempo onde nada se adquire de forma segura, nem o saber e a competência, nem o emprego ou o período de atividade, nem o apoio social e objetivo que assegura a existência privada (BALANDIER, 1997, p.172).

A obra de Boaventura Souza Santos também colaborou em nossas reflexões teóricas sobre algumas questões aqui apontadas, pois seu pensamento polêmico e fértil de indicações trouxe à pesquisa novos questionamentos e possibilidades, reforçando a necessidade da “conversa” interdisciplinar entre saberes complementares.

O autor, analisando as mudanças em sua magnitude e rapidez, e da aparente falta de perspectivas, diz que elas podem levar ao chamado, consenso de resignação (Santos, 2000), pois diante de fatos graves, perante os quais deveríamos ter uma atitude crítica, adotamos uma postura passiva, ligada à ideia de predestinação, na qual tudo já está predeterminado e onde não há nada a fazer.

Retoma um conceito usado por Leibnitz, e o traz ao nosso contexto, em uma análise dos problemas inerentes às globalizações, e nele uma proposta sobre uma nova teoria crítica. Sob essa perspectiva observará uma razão indolente que parece ser a tônica de muitos discursos atuais, de “tom” é pessimista. Completa:

No prefácio da Teodicéia [1710 (1985)], Leibniz refere a perplexidade que desde sempre tem causado o sofisma que os antigos chamavam a “razão indolente” ou “razão preguiçosa”: se o futuro é necessário e o que tiver de acontecer acontece independente do que fizermos, é preferível não fazer nada, não cuidar de nada e gozar apenas o prazer do momento. Esta razão é indolente porque desiste de pensar perante a necessidade e o fatalismo (SANTOS, 2000, p.42).

Segundo o autor, anteriormente havia uma alternativa entre experiência e expectativa, que foi rompida – se a experiência era ruim as expectativas eram boas. Hoje, as expectativas também são menos brilhantes e mais negativas, e o que não está bom só tende a piorar. Uma posição resignada, diante da desordem, que contamina tantos estudiosos, pode ser revertida também com a possibilidade de surgimento de um pensamento alternativo – (des) pensar para (re) pensar – para novas formas de ação social<sup>2</sup>.

Aqui encontramos o ponto comum com o pensamento de Japiassu, pois para (des) pensar e repensar é preciso o *sapere-aude* – ousadia de pensar e coragem de usar a inteligência.

Segundo Morin (2000) a complexidade do saber e ação é característica inerente ao ser humano, considerando a perspectiva biopsicossocial, e deve ser encarada em sua ambiguidade como geradora de pensamento articulador. Mesclam-se, assim, as complexidades do humano, da apreensão do saber e própria do momento de mudanças profundas. (MORIN, 2000).

Nossa prática como educadora e pesquisadora evidenciava a complexidade vivida, nos diversos grupos de profissionais - de áreas diversas de atuação, de diferentes faixas etárias - bem como em grupos não profissionais - com nível social, idade e grau de instrução desigual - um movimento de busca, troca e (re) construção dos saberes-fazer. A necessidade real de preparação para a profissionalização pode, nessa perspectiva, ser revista, valorizando a integração e ampliação dos saberes. A integração evidencia, por meio das trocas, as cicatrizes como marcas da experiência, no espaço e tempo da cultura. Como afirma Severino (2001), o que se tem é uma construção histórica e coletiva do objeto pelos sujeitos.

O conhecimento individual se dá sobre o fundo de uma experiência radicalmente histórica e coletiva que lhe é anterior e que lhe serve de matriz placentária. Esse contexto, como um tecido que vai se complexificando pela contínua articulação de novas experiências passadas e acumuladas, é a cultura, uma das mediações concretas da existência dos homens. E a cultura é o universo do saber. Isso é válido tanto no plano da experiência epistêmica do indivíduo – trata-se sempre de uma experiência que vai se construindo e acumulando, sintetizando, reorganizando e sistematizando dados – tanto no plano da própria humanidade, tanto na perspectiva ontogenética como na perspectiva filogenética. (SEVERINO, 2001, p.35).

O encontro – saber, beleza, harmonia e o tempo.

Como o homem pode ser feliz no interior da lógica do sistema, onde só tem valor o que funciona segundo previsões, onde seus desejos, suas paixões, suas necessidades e suas aspirações passam a ser racionalmente administrados pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao simples papel de consumidor. (JAPIASSU, 2001, p. 56).

Esta afirmação nos remete a outro conceito “ousado”: a felicidade, que parece uma questão fora de contexto nos dias atuais, um sonho, uma ilusão. A felicidade, ideal intrínseco a todo ser humano, é hoje pretensamente alcançada pelo consumo. Ser feliz é consumir! O autor sugere que no mundo da sobremodernidade, acelerado, tudo é fugaz como o consumo que promete o prazer imediato que se extingue assim que realizado. Existe espaço para a felicidade trazida pela beleza da criação do conhecimento como construção de sentido para a vida?

Beleza é ao mesmo tempo conhecimento e poesia, história e meditação, substância do visível e sentido da vida [...] é ao mesmo tempo essência e ciência [...]. Para Platão, a beleza está associada à harmonia, que é essencialmente um ritmo, do qual provêm as proporções [ela] é irredutível a qualquer análise, pois associa o indizível ao dizível, o invisível ao visível [...] associa unidade e complexidade. (RANDON, 2000, pp, 115-121)

A construção do saber, nessa perspectiva, tem a beleza e harmonia que lhe são próprias, e a qual associamos à ética do trabalho responsável, mobilizador e modificador, na procura do equilíbrio das diferenças, e encontra eco na afirmação de Japiassú: ouse pensar, ouse saber, porque pensar é exercer uma atividade crítica, mantendo sua oposição a uma visão instrumental do saber, que não contemple a beleza da aventura na sua construção e compreensão. Complementa:

Estamos vivendo uma época de grande conformismo intelectual, em que nossa sociedade parece ter renunciado a pensar-se como algo positivo e a pôr-se verdadeiramente em questão [...] cada um se sentindo praticamente impossibilitado de criar o sentido para sua vida num mundo dominado pelo funcional e o instrumental [...] Devemos continuar acreditando que, para mudar o mundo, precisamos pensá-lo [...] e para pensá-lo em profundidade precisamos querer mudá-lo (JAPIASSU, 2001, p.9)

O autor afirma que é possível construir espaços geradores de beleza e harmonia no qual seja possível que “todas as criatividadees possam conviver com todas as pluralidades”, mas que pode ser destruída pela certeza da razão absoluta.

O interesse pelo “mundo” exclui a negação das realidades nele existentes. Interesse e desejo de conhecer levam às dúvidas, questionamentos críticos, e negação de pressupostos vigentes. Na estrutura da sociedade “organizada” a liberdade de pensar e questionar e negar algumas “verdades e certezas” pode ser visto como uma ameaça, mas também um desafio para novos “pensares”. A criatividade que o livre pensar promove joga luz em “cantos” obscurecidos pela razão, mas ainda pulsantes e repletos de brilho.

No projeto realizado para o doutorado ao entrelaçar conhecimentos trazidos pelas narrativas de professores universitários e artistas buscávamos resgatar a harmonia e beleza dessas construções, como percebidas por nós, mas que não poderiam ser “enquadradas” em categorias das verdades e certezas absolutas. Pulsavam nelas as subjetividades, as dúvidas, os recomeços, o “des-pensar para repensar”, e a única certeza era a de um caminho aberto à exploração. Nada pronto, acabado, mas vivo, em processo.

O tempo para essa construção não obedecia, necessariamente, prazos estipulados e encomendas, mas seguia as possibilidades do vivido e experienciado. Um tempo longo! Constatamos que vivemos duas temporalidades interligadas: a externa, social, marcada em horas, dias, fatos históricos; e outra interna, daquilo que foi vivido, mas filtrado pela percepção e registrado subjetivamente (e/ou inconscientemente). Martins (1998) distingue duas dimensões no tempo: Cronos (tempo cronológico, marcado) e Kairós (tempo vivido), pensando o tempo não como objeto de nosso conhecimento, mas como “uma dimensão do ser de cada um de nós”. (MARTINS, 1998, p.17).

A partir dessa afirmação, podemos argumentar que temos um “conhecimento” objetivo do tempo externo, pois o vivemos no meio sócio histórico, mas o apreendemos também subjetivamente - a “percepção do tempo” servindo de base para à compreensão e formação do nosso imaginário, que permeia a cultura da qual fazemos parte. Da apreensão/percepção (subjetiva) formamos o que é nosso conhecimento/saber e a base para a ação (objetiva), os fazeres. A construção do saber, nessa perspectiva, é processo que incorpora e articula as experiências e tempos internos, individuais, que se concretizam e rearticulam no tempo e espaço social, externo, dando as condições de seu uso e transmissão.

No contexto de movimento mais incerteza, na temporalidade esquizofrênica, o ser humano sente-se perplexo e não encontra respostas diante da sensação de um mundo que pede respostas rápidas, não considerando a necessidade dos “tempos” – cronos e kairós - para assimilação e reflexão.

A reflexão sobre o tempo é ambígua, pois nela se encontram a harmonia e a beleza do saber, e a desarmonia, que inquieta e nos faz “ousar pensar” e “ousar saber” superando estereótipos impostos sobre os conceitos de beleza e equilíbrio e seus opostos. Esse distanciamento da lógica preestabelecida nos encaminha para uma “lógica da descoberta”, aquilo que se aprende quando “nada parece se passar” (PAIS, 2000).

Nosso interesse de pesquisa foi despertado por pessoas próximas, que faziam um trabalho rico e inovador, distante do “conformismo intelectual” prevalente. Os narradores são figuras públicas, reconhecidas por suas competências intelectuais e artísticas, mas além do discurso e da obra havia um “algo a mais” a mostrar que nos motivou a desvelar seus processos de trabalhos, além de mostrar resultados concretos em obras e pesquisas, que podiam nos ensinar a pensar e agir de modo renovador. Afirma Wassermann (1972), que a aprendizagem em muitos casos é predominantemente automática e a ação reflexa. Os alunos devem ser levados a perguntar, examinar, analisar, desafiar e, neste sentido, é mais importante acentuar-se o processo de aprendizagem e

relativizar o produto. A aprendizagem assim estimulada baseia-se no profundo respeito pelos indivíduos como seres humanos únicos. Quando se respeita o outro se estimula o respeito mútuo e o auto respeito.

Para podermos pensar, precisamos ter o atrevimento de pensar. Esse atrevimento supõe confiança em nós mesmos e em nossas capacidades. Quando temos confiança, muitas vezes conseguimos realizar tarefas que estão acima de nossas expectativas. (WASSERMANN, 1972, p.327)

Nas discussões a respeito da sobremodernidade ou pós-modernidade, e a consequente crise de paradigmas, adota-se, muitas vezes, uma ótica totalmente negativa que faz tábula rasa de tudo o que existe em termos de cultura. É como se nada mais servisse, fosse descartável ou passível de globalizações empobrecedoras. Acrescente-se, nesse contexto, o tempo percebido como acelerado e impeditivo a observação e análise do

cotidiano, a própria realidade que se vive e se (re) constrói a cada instante, de modo amplo e despreconceituado.

O que se passa quando nada se parece passar – como afirma Pais (2000) - aguça a atenção nas reflexões sobre questões relativas à construção do saber, em um momento de mudanças e incertezas. No cotidiano de nossos encontros, quando parecia nada se passar, enxergávamos a riqueza de saberes e fazeres dos quais os narradores eram possuidores. O mundo em que vivemos é de mudanças. E quando não o foi? Balandier diz que a antropologia evidencia, em todas as sociedades, potencialidades alternativas. O germe da mudança está sempre presente e isto faz o progresso das culturas, em seus aspectos positivos e negativos. Assim, por que se tem uma impressão de esgotamento e não se enxerga como positiva a dinâmica do movimento em sua cotidianidade?

Devemos, pois nos aproximar com respeito dos diferentes saberes, seguindo uma lógica da descoberta, que se renova a cada encontro. É a descoberta no e do cotidiano, que muitas vezes causa medo e incomoda, pois se arrisca deixar a segurança do que já é conhecido por algo inovador, e que pressupõe movimento e incertezas. Para tanto devemos estar alertas, termos espírito crítico e escolher entre as várias possibilidades. Estudar, refletir, admitir erros e falhas, voltar atrás. Por que nos atemos às “certezas”, sem ousar? Ficamos indolentes? No registro da descoberta teremos um processo de constante e cotidiana admiração pelo universo circundante e de movimento de apreensão e ressignificação.

A Estética da Interdisciplinaridade e as lições de Japiassu.

Longo foi o caminho percorrido na busca de respostas as nossas inquietações, dúvidas, desanimo, incertezas. Encontramos narradores e autores teóricos com quem “de mãos dadas” caminhamos a passos largos, em ciranda e, muitas vezes, em estonteantes rodopios, na busca do sentido do saber como sentido da vida. No caminho surge imponente, mas acolhedora figura da Interdisciplinaridade, que “brincou de roda”, saiu correndo, voltou brincando indicando que sim, o caminho estava aberto e só começando. Em meio ao

caminho o mestre Japiassu alertava: Desistir do pensar? Nem pensar? e nos dando as mão guiou nossos passos nas descobertas, e quando estávamos

cansados, desanimados até, frente a tantas tarefas, ouvíamos dizer “ouse pensar, ouse saber”.

Ele nos ajudou a ver beleza na construção do saber, e superar a “angustia” que o mundo instrumental aponta, e encontrar a estética que articula tantas ambiguidades. A perspectiva interdisciplinar nos propõe muitos encontros: em primeiro lugar conosco mesmo e depois entre pessoas com interesses comuns, científicos ou outros. Existem discordâncias, dúvidas e o próprio medo frente a um campo desconhecido. O domínio disciplinar e o distanciamento por ele proposto mapeiam nosso caminho, precisamos deles para seguir em frente. Mas, metaforicamente, se nunca sairmos dos mapas conhecidos, não veremos a cascata que se prenuncia por um ruído distante, ou não teremos curiosidade para subir um pouco mais e descobrir o que se avista do alto. É preciso ousar!

A atitude interdisciplinar propõe a perspectiva do uno e do múltiplo, atenta para as várias possibilidades trazidas pelas disciplinas e pelos sujeitos, tendo consciência das intersubjetividades envolvidas, fazendo delas não a fraqueza, mas a força, na construção de um saber inovador.

Essa atitude de abertura frente ao conhecimento, como proposto por Fazenda (2001), e os princípios que a regem - humildade, coerência, espera, respeito e desapego - têm como atributos a afetividade e a ousadia que impelem às trocas intersubjetivas, às parcerias, uma atitude de aproximação, pesquisa e apreensão dos saberes e fazeres em mudança e, também de enfrentamento e revitalização nas e das práticas.

Afirmamos que a atitude interdisciplinar, que destaca a fundamental articulação entre saber-saber, saber-fazer, e o saber-ser, como proposto por Fazenda, foi observado na ação dos narradores na medida em que mostraram o rigor – compromisso e competência - e a ética na trajetória de vida, por meio dos projetos existenciais e de trabalho. Consideramos a interdisciplinaridade como perspectiva para apreender e articular as complexidades dos seres e dos saberes. Se os saberes são construções humanas, no tempo e espaço da cultura, podemos considerá-los, assim como aos indivíduos, portadores de identidades complexas, múltiplas e passíveis de serem reconstruídas, por meio de ações integrativas.

Desordem e mudança, inerentes à natureza, não são impedimentos para a construção do saber, mas fatores constitutivos dos seres e saberes e das sociedades dos quais são construtores e constructos. Os desafios estão nos tempos vividos, internos e externos, e a busca de superação dos mesmos é a ação que funda as culturas. A partir dessas reflexões voltamos a Japiassu que afirma que “saber é um dever, um risco que cada indivíduo deve correr conscientemente para ter acesso ao estatuto de sujeito livre e racional” (JAPIASSU, 2001, p. 30).

Ouvindo os rumores quando nada parecia se passar encontramos, a partir do entrelaçar dos estudos teóricos, em especial os autores aqui destacados, e as

narrativas de campo, os rumos que nos levaram ao término do projeto do doutorado em Ciências Sociais – Antropologia. Finalizo estas reflexões com as palavras de outro parceiro de caminhada “quem primeiro deu a mão” nos caminhos do Sapere-aude:

Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana [...] Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas [...] A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram [...] e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou. (GEERTZ, 1998, p. 38-41)

## REFERÊNCIAS.

BALANDIER, G. A Desordem – Elogio do Movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2001.

\_\_\_\_\_ (org.) Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_ (org.) Didática e Interdisciplinaridade. São Paulo: Papyrus, 2001.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

JAPIASSU, H.. A Crise das Ciências Humanas. In: FAZENDA, I (org). A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento. São Paulo: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_ Desistir de Pensar? Nem Pensar! São Paulo: Letras & Letras, 2001.

MARTINS, J.. Não somos cronos, somos kairós. Revista Kairós, n.1, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia PUC-SP, 1998.

MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PAIS, J.M. Viajando o cotidiano e seus enigmas. Revista Margem, n.12, Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP, FAPESP / EDUC, 2000.

RANDON, M. O Belo. In. NICOLESCU, B. Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: Unesco, 2000.

SANTOS, B. S. A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SEVERINO, A. J. O Conhecimento Pedagógico e a Interdisciplinaridade: O saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, I (org.). Didática e Interdisciplinaridade. São Paulo: Papyrus, 2001.

WASSERMANN, S. et.al. Ensinar a Pensar. São Paulo: EDUSP, 1972.



### 3 PEDAGOGIA DA CERTEZA X PEDAGOGIA DA INCERTEZA.

*Odair Silva Soares*<sup>14</sup>

**RESUMO:** nas Universidades a prática da “pedagogia da certeza” proferida por pretensos cientistas, verdadeiros donos da verdade, implementada em nome de aparentes necessidades técnicas e racionais. Nesse quadro, alunos passam por um verdadeiro processo de deformação, e, os poucos que trilham o caminho da pesquisa adaptam-se rapidamente a prática de proprietários dessas pesquisas. Japiassu defende ao contrário a “pedagogia da incerteza” que, embora gere um certo medo do desconhecido, promove o desapego de posições e conceitos. O conhecimento nasce da dúvida e alimenta-se da incerteza. Para ele os homens devem aprender a viver no repouso do movimento e na segurança da incerteza.

**Palavras-Chave:** interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, pedagogia da incerteza.

O jornal O Globo (2015) afirmou em uma nota que Hilton Ferreira Japiassu, falecido em 27/04/2015 com 81 anos, foi um grande filósofo, professor, escritor, frade e que, publicou “cerca de 30 livros ... Ao lecionar epistemologia e história das ciências na PUC-RJ e na UFRJ as lições do professor não paravam nas salas de aula”. O professor Japi, como era carinhosamente chamado pelos amigos, reunia-os em seu apartamento semanalmente para conversar sobre a vida. “Frade da Casa São Tomás de Aquino, Hilton Japiassu celebrava missa aos domingos na Capela Nossa Senhora das Graças, na favela Chapéu Mangueira no Leme. Essa foi sua rotina durante 40 anos. (GLOBO: 2015)

Para o CRP-RJ – Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro – Hilton Japiassu foi um crítico ferrenho da ideia positivista que defende a ciência como uma prática objetiva, neutra e asséptica.

... Não existe definição objetiva nem muito menos neutra daquilo que é ou não a Ciência. Esta pode ser tanto uma procura metódica do saber, quanto um modo de interpretar a realidade; tanto pode ser uma instituição com seus grupos de pressão, seus preconceitos, suas recompensas oficiais, quanto um ofício subordinado a instâncias administrativas, políticas ou ideológicas; tanto uma aventura intelectual conduzindo a um conhecimento teórico (pesquisa), quanto um saber realizado ou tecnizado. (JAPIASSU in CRPRJ: 2015)

---

<sup>14</sup> **ODAIR SILVA SOARES:** Doutorando do programa Educação/Currículo da PUC/SP. E-mail: osoares@unaerp.br

Já o Deputado Federal Chico Alencar (PSOL), foi um dos poucos a se manifestar publicamente sobre a morte de Japiassu, declarando ao final de sua mensagem “Resta, na tristeza da hora, seguir o conselho rejuvenescedor de Francisco de Assis: ‘a melhor maneira de honrar nossos queridos que se vão é... fazer o que eles fizeram’”. (ALENCAR: 2015)

Infelizmente eu não tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas, na pesquisa de meu doutorado, orientado pela profa. Dra. Ivani Fazenda, tendo como tema “Impasses Interdisciplinares na Vida de um Empreendedor”, seria impossível passar a margem da grande obra de Japiassu. Sua enorme contribuição no campo da epistemologia e especificamente da interdisciplinaridade tornam seus escritos leitura obrigatória.

Muito irônico e contundente em suas intervenções contra o cientificismo, demonstra em suas obras que, diversas concepções exerceram forte influência nas ciências humanas: como a racionalista (origem cartesiana), a naturalista (com raízes no materialismo de Demócrito), a utilitarista (baseada nos filósofos) e a prometeica (que proclamam os benefícios do progresso da razão científica). Embora todas tenham cumprido seu papel histórico, hoje representam óbices ao avanço das ciências humanas.

Para Brecht (op. cit. JAPIASSU in FAZENDA: 2011 P. 34) existe um impasse na relação entre homens e coisas, sendo que particularmente na modernidade as coisas acabam por dominar os homens e, ainda homens que através de coisas dominam a maioria dos outros homens. Aproveitando essa citação de Brecht, Japiassu apresenta-nos duas perspectivas epistemológicas que revelam-se muito promissoras na solução desse impasse.

A primeira dimensão é a ciência crítica que busca reposicionar as práticas científicas em seu real contexto sociopolítico e cultural. A segunda dimensão, que iremos tratar com maior destaque nas próximas linhas, é a da interdisciplinaridade, que significa essencialmente um trabalho comum que busque a interação de disciplinas científicas, de seus conceitos, de sua metodologia, procedimentos, dados e da organização do ensino dessas disciplinas. (JAPIASSU in FAZENDA: 2011 p. 35)

Por conta da ausência dessas referidas dimensões as universidades na visão de Japiassu, transformaram-se numa penitenciária central da cultura e, seus alunos suas vítimas. Para ele a universidade “não forma, mas conforma”. Nesse ambiente nenhuma opção crítica frutificará nos alunos, pois, os professores são também, reféns desse sistema. (JAPIASSU in FAZENDA: 2011, P.33)

Assim, acusa que nas Universidades a prática da “pedagogia da certeza” proferida por pretensos cientistas, verdadeiros donos da verdade, implementada em nome de aparentes necessidades técnicas e racionais. Nesse quadro, alunos passam por um verdadeiro processo de deformação, e, os poucos que trilham o caminho da pesquisa adaptam-se rapidamente a prática de proprietários dessas pesquisas.

Japiassu defende ao contrário a “pedagogia da incerteza” que, embora gere um certo medo do desconhecido, promove o desapego de posições e conceitos. O conhecimento nasce da dúvida e alimenta-se da incerteza. Para ele os homens devem aprender a viver no repouso do movimento e na segurança da incerteza.

Somente a atitude interdisciplinar permite dar passos no processo de libertação do mito do porto seguro. Para que isso ocorra há a necessidade de romper com a vida intelectual parasitária, assumir o compromisso de reconhecimento da nossa ignorância, bem como, com os quadros mesquinhos e estreitos de nossas especializações. Como afirma Ivani Fazenda interdisciplinaridade não é algo para se ensinar ou se aprender, mas essencialmente para se viver.

Viver a interdisciplinaridade foi o que mais fez o professor Hilton Ferreira Japiassu. Se, observarmos os cinco princípios da interdisciplinaridade e compararmos com a vida desse emérito filósofo encontraremos um casamento perfeito. Vejamos então, **humildade**: Japiassu por relatos de pessoas próximas sempre foi um poço de simplicidade; **coerência**: agia de acordo com seu discurso; **paciência**: demonstrou muita serenidade no período da ditadura militar, contrapondo-se sem radicalidade; **respeito**: mesmo como filósofo sempre respeitou as opiniões dos seus oponentes, embora as criticasse de maneira contundente; **desapego**: por depoimentos de pessoas muito próximas sabemos que ele teve uma vida muito simples, com total abnegação.

Hilton Ferreira Japiassu você marcou definitivamente nossos corações e mentes!

Viva nosso Japi!

## REFERÊNCIAS.

ALENCAR, \_\_\_\_\_ Chico. <https://www.facebook.com/HiltonJapiassu/posts/355848291274784> acessado em 12/08/2015;

CRPRJ – Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro. <http://www.crprj.org.br/noticias/2015/MAI0515c.html#sthash.IYn5lwV3.dpuf>, acessado em 12/08/2015;

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 18ª. ed. Campinas: Papirus, 2012;

\_\_\_\_\_. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro*. 6ª. ed. São Paulo: Loyola, 2011;

GLOBO, Jornal O. **Hilton Ferreira Japiassu: escritor, professor e frade, aos 81 anos**. Rio de Janeiro: Nota publicada em 30/04/2015 na coluna Obtúrio, extraído do FACE in <https://www.facebook.com/HiltonJapiassu> acessado em 12/08/2015.

JAPIASSU, Hilton. **A Crise das Ciências Humanas**. São Paulo: Cortez, 2012;

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976;

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



## 4 CIÊNCIA - CONCEITOS E SABERES.

Dirce Encarnacion Tavares<sup>15</sup>

**RESUMO:** Durante sua existência, Japiassu pesquisou e elaborou muitos conceitos sobre a compreensão da vida, voltando ao passado, sem perder a magnitude e a beleza da ciência e da filosofia, no sentido de projetar-se para o futuro. Vale ressaltar que sempre teve a esperança e o sonho de uma realidade fecunda e a ciência é exposta para ele, de forma resumida: um poder o qual não se tem poder (2005, p. 31). Portanto, o que discutiremos aqui, são *flashes* da possibilidade de conceitos, que nunca poderemos ditar como verdades, mas como linhas de pesquisas. O que fez ele chegar a estas conclusões abaixo, após analisar documentos e ideias de outros teóricos sobre os conceitos de disciplinaridade; multidisciplinaridade; pluridisciplinaridade; interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, provavelmente foi a necessidade de nós seres humanos nos organizar e nos preparar melhor para o mundo que vivemos, porém, enfatiza que ninguém sabe o que será nossa história, portanto, tudo o que aplicarmos, deve ser interrogado continuamente, pois o que temos certeza é de que “nada é certeza”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

### Disciplinaridade.

É o mesmo sentido de ciência (exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo). Ou seja, um conjunto ordenado, sistematizado e organizado de conhecimento específico com características próprias no campo do ensino, nos planos de ensino, dos métodos, de formação e da matéria (JAPIASSU, 1976).

Pegaremos por exemplo, a disciplina de Português. Ao elaborar o planejamento curricular dessa disciplina, se organiza, um conjunto de conceitos, partindo do mais simples para o mais complexo, atendendo as

---

<sup>15</sup> **DIRCE ENCARNACION TAVARES:** Diretora do Centro de Formação da Cruz Vermelha de São Paulo - CEFOR. Professora da Pós-Graduação do Centro Universitário Uniitalo e da Universidade Estácio de Sá de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade-GEPI do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Possui graduação em Pedagogia - Faculdades de Filosofia Ciências e Letras Tibiriçá (1985), mestrado (1990) e doutorado (2008) em Educação/ Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, doutorado em Educação pela Universidade São Marcos (2004), pós doutorado pelo GEPI. CV: <http://lattes.cnpq.br/4345506272562072>. Contato: [dircetav@uol.com.br](mailto:dircetav@uol.com.br)

necessidades de um currículo horizontal e vertical, compreendendo a busca de um conhecimento amplo e pleno do ser humano.

Disciplinas novas nascem incessantemente, portanto, mesmo para se ter uma visão apenas disciplinar, precisa se modernizar e atentar para a Informática; Astrofísica; Biologia Molecular etc. (JAPIASSU, 2006, p. 21).

Portanto, “disciplina” evoca um recorte pedagógico importante, mais pode ser perigoso, porque delimita uma matéria de ensino, quando esta se isola.

### **Multidisciplinaridade.**

Evoca uma simples justaposição, ou seja, recursos de várias disciplinas simultâneas, mas sem relação entre elas. Não implica num trabalho de equipe e ordenado. Consiste, ainda, em estudar um objeto sob diferentes ângulos, sem, necessariamente se preocupar com o método ou conceitos a serem utilizados (JAPIASSU, 1976).

Podemos citar, como exemplo, as disciplinas sendo encaixadas no currículo simultaneamente: “Português; Matemática; Geografia; História; Ciências; Artes...”, sem haver uma relação entre elas. Ou por exemplo ainda; a preocupação do professor em citar várias outras áreas do conhecimento em sua disciplina, sem interligá-las.

### **Pluridisciplinaridade.**

Justaposição de diversas disciplinas no mesmo nível hierárquico (Português, Artes, Educação Física, etc.) e agrupadas com relação entre elas. Há cooperação mas sem coordenação (JAPIASSU, 1976).

Há um grande passo na pluridisciplinaridade, quando se pensa que todas as disciplinas estão ali alocadas porque são relevantes num currículo de ensino. Ou seja, todas as disciplinas são necessárias e significativas para o crescimento do aluno.

## **Interdisciplinaridade.**

Os conceitos de interdisciplinaridade são inúmeros. Hilton Japiassú (1976, p. 74) partiu do princípio que a interdisciplinaridade se caracteriza “pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Para ele, “o esmigalhamento do conhecimento revela uma inteligência esfacelada” (JAPIASSU, 1981, p. 80), portanto, a interdisciplinaridade parte de certa concepção de saber, de sua repartição e de seu ensino. É um princípio novo de reorganização epistemológica e de reformulação das estruturas pedagógicas do processo de ensinar e aprender.

O futuro pertence a interdisciplinaridade, mas para isso é necessário vencer as atitudes de medo e de recusa. Por constituir uma inovação, nos permite tomar consciência do estado lamentável de desagregação do nosso sistema educativo. Crise de conteúdo, de programas, de relação educativa, de interesse etc. É nisso tudo que a interdisciplinaridade, como concepção de saber, age, interage e integra.

## **Transdisciplinaridade.**

É um termo novo. Foi criado por Piaget para completar a gradação esboçada pela multi, pluri e inter). Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral (verdade incontestável) com base numa finalidade comum.

Para Japiassu (2006, p. 23), o sonho transdisciplinar supera o encontro de diálogo e de comunicação, tendo a finalidade a compreensão do mundo, numa perspectiva utópica de unificação de conhecimentos.

A busca em olhar além do objeto e cuidar para que a cegueira que permite o olho ofuscar o olhar seja eliminada, é a preocupação e o objetivo da transdisciplinaridade. Ela vem de encontro com uma atitude natural do ser humano que é a de contextualiza e globalizar.

Tanto a interdisciplinaridade, como a transdisciplinaridade são complementares a abordagem disciplinar. Ambas emergem do confronto das disciplinas e surgem novos dados que as articulam entre si, nos fornecendo uma nova visão de realidade.

Pensando sobre o rigor das ciências, tanto a interdisciplinaridade como a transdisciplinaridade enfatizam o rigor na argumentação, a abertura do

inesperado e imprevisível, a tolerância e o reconhecimento das ideias contrárias.

Todos estes conceitos analisados acima, são visões inacabadas que, inclusive, já tiveram grandes avanços desde o momento que iniciou a pesquisa sobre o assunto. Como afirma Japiassu (1981), as ciências não podem servir como oráculos para o homem. Ela precisa ser sempre indagada e perpassada pela leitura da filosofia, pois está em contínua e eterna transformação.

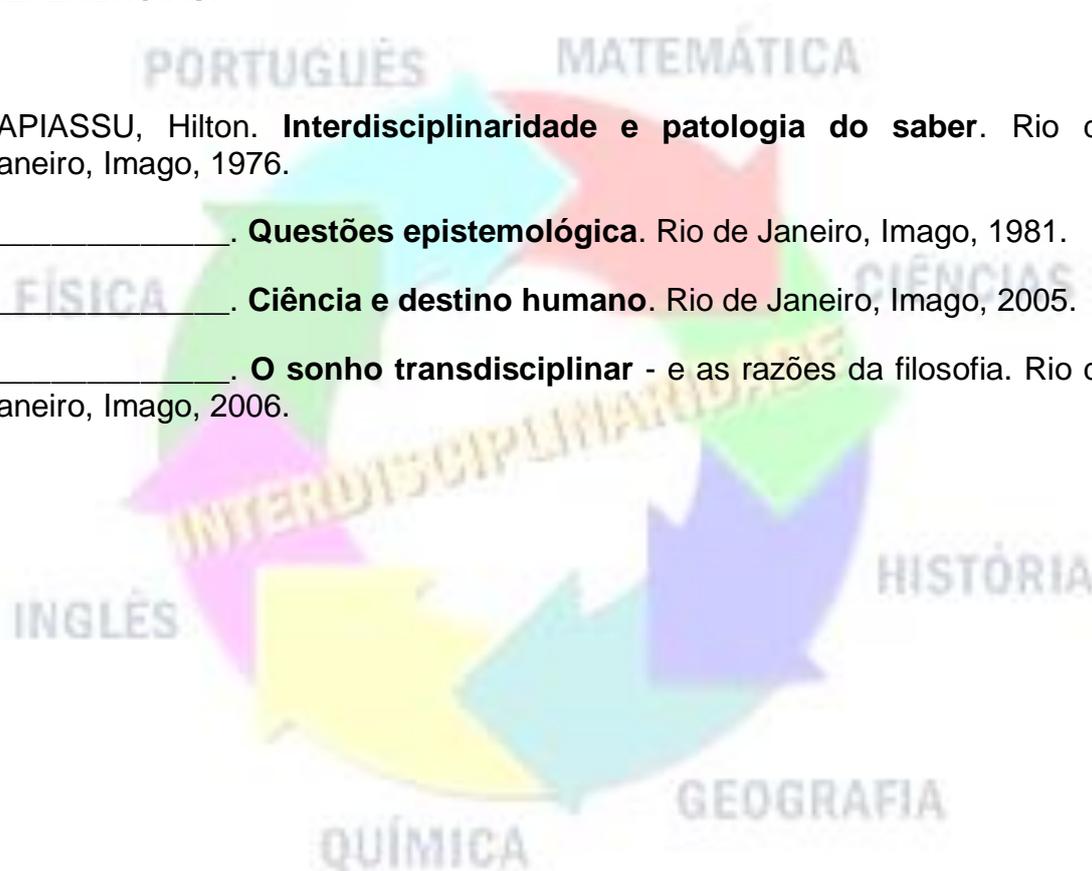
## REFERÊNCIAS.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. **Questões epistemológica**. Rio de Janeiro, Imago, 1981.

\_\_\_\_\_. **Ciência e destino humano**. Rio de Janeiro, Imago, 2005.

\_\_\_\_\_. **O sonho transdisciplinar - e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro, Imago, 2006.



## 5 A DONA EDUCAÇÃO VISITA O DOUTOR SAÚDE.

Fernando Cesar de Souza <sup>16</sup>

**RESUMO:** Durante a aula magna do saudoso professor Hilton Japiassu, em 2008, onde nos contava sobre o seu livro: O SONHO TRANSDISCIPLINAR E A RAZÕES DA FILOSOFIA e a magia que há por detrás da frase ‘o pão nosso de cada dia nos dai hoje’, fiz uma breve retrospectiva na minha vida acadêmica e pude entender que a essência - aquilo que nos é mais precioso e individual - é irmã gêmea da existência humana. Durante três minutos me silencieei, e tentei compreender a dimensão daquela questão tão singular e inédita. Aliás, ela passou por minhas vísceras numa velocidade impressionante que me lançou ao centro da força kairótica (a que transcende o passado e o futuro para legitimar-se no melhor instante do presente), que até hoje permito-me analisa-la, senti-la, vive-la, escuta-la ou admira-la como uma pergunta mestra, num toque ontológico de Japiassu.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade, educação e transdisciplinaridade

### INTRODUÇÃO.

*“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.*

Manoel de Barros

Então nasceu o meu foco para a arte de cuidar das pessoas aparentemente estressadas, e paradoxalmente adoentadas, e óbvio, incluindo-me nessas

<sup>16</sup> **FERNANDO CESAR DE SOUZA:** Pós-doutor em Interdisciplinaridade e Cuidado Humano na PUC/SP (2015). Doutor em Educação: Currículo pela PUC São Paulo (2009). Mestre em Educação pela UNICID (2005). Especialista em Bases da Medicina Integrativa, Instituto de Ensino do Hospital Albert Einstein (2013). Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade São Francisco. Sócio da consultoria SPIR – Observatório da Educação e Cuidado Humano. [www.spir.pro.br](http://www.spir.pro.br)

análises. Aquele rito de passagem – as breves palavras de Japiassu – legitimou-me pelas estradas da cura e, paralelamente de autocura. Com intencionalidade dirigi-me aos profissionais da medicina, da saúde, de algumas religiões e da formação de professores com essa pergunta mestra, às vezes como “aprendente”, outras como “ensinante”. Quando escrevo no título desse artigo que a Dona Educação visitou o Dr. Saúde, transcendo as questões de gêneros ou as posições sociais que essas profissões costumam nos impor. Esse ensaio pretende colocar luz aos encontros que estimulam as transformações vitais, ora sutis, ora caóticas. No ato de educar, vejo diariamente que os professores e os alunos estão repletos de intencionalidades e sentidos, e posso compreender que essa prática é interdisciplinar quando esses sujeitos habitam às margens das disciplinas, saltando de seus espaços convencionais e disciplinares para uma área prenhe de avalanches de diálogos e reaproximações.

A interdisciplinaridade não obstrui a tradição e a herança cultural de cada disciplina, e não tenta contaminá-las com percepções estanques e diretivas, pois a interdisciplinaridade não pode se tornar numa superespecialização composta de performances e pirotécnicas pedagógicas. Não rogo que eles (os campos) sejam reconectados diante de uma ordem superior ou decisão mítica, pois há registros antigos que os confirmam como campos siameses, e assim, acredito que um possa se servir das estratégias do outro, num ato de solidariedade e presença. Fui construindo uma cadeia de valores que aposta em processos curativos alimentados pela simplicidade das interações humanas. E assim, o título desse ensaio indica que a Dona Educação aproxima-se do Dr. Saúde num espaço analogicamente reconhecido como pontes que os permitem acessar os novos jeitos de educar e serem educados, de cuidar e serem cuidados.

Entre os anos de 2006 e 2009, nos escritos do doutorado em Educação, afirmei que a escola era um território de curas, numa tratativa de expandir o conceito do cuidado atrelado apenas ao “habitus medicus”, mas não atuei nas curas físicas pois não havia evidências científicas convencionais, carregadas de rigor acadêmico necessário para essa confirmação. E respeitosamente não invadi o campo da saúde ou da medicina, em sinal de reverência aos profissionais desse campo e ao meu incipiente conhecimento no tema.

Aos poucos fui compreendendo que os dados mais impressionantes numa pesquisa acadêmica não estão nos resultados expostos; ou na triangulação das evidências e planilhas; na descrição minuciosa das hipóteses ou nos relatórios on line que enchem as caixas de e-mails dos futuros entrevistados. Compreendi que as pessoas, quando bem cuidadas, no consultório ou na escola, são felizes e retribuem esse estado latente de felicidade, e isso é, no mínimo, uma experiência de “*soteria*”, ou salvação, segundo os gregos. Uma pessoa salva dos preconceitos carregados de incapacidades diante das coisas do mundo, são pessoas curadas! Felicidade e salvação são questões vitais dentro da escola, numa transcendência ao programa educativo ou ao currículo pré-estabelecido. O professor Gaston Pineau afirmou que tratar do “sentido do sentido” era uma “questão vital”, e para isso, não invadiria os espaços dos etimólogos ou poetas, mas sim contribuiria com suas percepções e ferramentas pelo olhar da educação, carregados de paixões e práticas. Então, quando tratei

da cura não desconsidere os constructos dos territórios alheios, e sim compartilhei minhas considerações ou observações, sem ser conclusivo ou definitivo.

Falar de cura é viver na incompletude e na indefinição da própria vida, em ensaios solidários no meio-do-caminho ou no-meio-da-ponte entre a Saúde e a Educação, acolhendo o ser humano no aprender a ler nas entrelinhas, conhecendo o campo social, histórico e existencial que os rodeia. Eis um desafio dos pesquisadores em Ciências da Educação: investigar nas entrelinhas, o não dito. Por isso mesmo que os dados mais impressionantes estejam às margens entre as ciências, entre as disciplinas, entre as tribos, ou entre as libidos. Compreendo, diariamente, que a escuta atenta é a irmã mais sensata da escrita docente ou da prescrição médica! É preciso ousar na escrita e não intimidar o poder da palavra quando tratamos dos outros.

Oportunizar que os alunos ou os pacientes se curem é garantir o exercício dos direitos humanos básicos em qualquer sociedade dita moderna. Ou estou exagerando? Direitos humanos não podem ficar grudados nos sites das organizações internacionais, mas devem ser expressados no encontro entre as pessoas e nas relações eu-mundo-outro, num ciclo de confianças e afetos. Bem como as Políticas Públicas, minuciosamente escritas como cartas magnas, não podem permanecer intactas ou endeusadas. É preciso ação quando se fala em direitos humanos. A visita da Dona Educação no consultório reflete (um pouco) um percurso dialético que visa aproximar esses dois campos, e assim nos é demandada uma necessidade de escutar e (re)conhecer territórios distintos daqueles aos quais soam familiares e seguros a cada um de nós. Ivani Fazenda nos lembra que a interdisciplinaridade trata o “familiar como estranho, e o estranho como familiar”.

Numa das cenas que presenciei, notei que nos diálogos entre a Dona Educação e o Sr. Saúde, eles tratavam do tempo, o tempo todo! As palavras cadenciadas do Dr. Saúde acalmavam a afobação da Dona Educação que buscava (naquele momento) por respostas imediatas, o que aos poucos foram apaziguadas. Desde então ambos perceberam que não é possível acelerar o ritmo pessoal, nem exigir velocidade em seus próprios aprendizados. A ideia de aprender-com, de superar a unilateralidade didática quando “enchemos” os alunos de coisas são exemplos dos atos acelerados do lado de fora da escola ou da clínica. Dentre outros encontros, eles apostavam que o silêncio não é a mera prostração diante da vida, mas é a ativação da força inata que nos faz compreender que toda a palavra tem efeito de intervenção social e carrega um alto grau de intencionalidades. Quando falamos, trazemos um encadeamento de ideias e ideologias, isso é inevitável.

Outras perguntas brotavam a cada encontro: Quem cuida de quem cuida? Como transformar os conteúdos das aulas em projetos de vida? A escola tem realmente como missão a cura do ser humano? Dona Educação aprendeu com o Dr. Saúde que todo o excesso sobrecarrega o organismo, fazendo-o eliminar as substâncias nocivas aos órgãos internos, numa busca constante pelo equilíbrio e energia vital. Então, numa construção de pontes, vamos para a sala de aula, onde o currículo ou a didática estão costumeiramente “cheias” de textos ou trabalhos (ensino básico) ou “entupidas” de slides (ensino superior -

como se existisse o ensino inferior!). Convenhamos que as pressões externas como produtividade, competitividade, meritocracias ou gerenciamentos invadem os espaços da escola e nos direcionam aos excessos didáticos ou instrumentais, por isso os corpos dos alunos e dos professores jogam boa parte disso fora, porque ainda nos é estranho e ameaçador, ou sem sentido.

A cura será pedagógica quando o tratamento médico deixar o foco da doença e expandir a ação na promoção da saúde. Ou quando as clínicas e consultórios compreenderem que os pacientes têm histórias de vidas que os lançam como vítimas ou algozes de seus próprios mecanismos de cura e doença. A cura será pedagógica quando carregar o cuidado como premissa estruturante, comum às artes médicas desde os ensinamentos da medicina chinesa; da escola grega; da religiosidade hindu ou das bases místicas e ancestrais da medicina africana, passando posteriormente por Hipócrates, Pasteur e Koch, dentre tantos que demonstraram suas habilidades de promotores de “soterias”. A cura será pedagógica quando a salvação for compartilhada e ambos (médico-paciente) assinem como autores suas próprias histórias, livres em seus voos e travessias, conscientes no comando das suas doenças ou curas.

### **Dr. Educação.**

*“Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar”*

*Manoel de Barros*

- Pode entrar! Disse o Dr. Educação à Dona Saúde.

Ela visitou a escola pela primeira vez. Agora o olhar e a escuta estavam mais apurados e os tempos de aprendizados estavam individualizados, pois durante os encontros anteriores, eles viveram o novo, o inédito e o possível de maneira intensa. Num espaço comum aos dois, o pátio da escola foi escolhido como lugar de convergências de ideias e práticas interdisciplinares, um pouco diferente do consultório, mais hermético e introspectivo, pois a saúde pede certa interiorização, enquanto a educação nos coloca em contínuas expansões. E se pudéssemos inverter essa lógica? Mais integrativo é o desejo da Dona Saúde quando encontra sentidos ao ato de educar e curar, e busca na parceria com o Dr. Educação as medidas preventivas para que as doenças psicossomáticas não se instalem dentro da comunidade escolar: medos, fobias e exclusões sociais, por exemplo.

Se para os gregos, “medicus” é aquele ou aquela que cuida da saúde de alguém, e para os mesmos gregos, o “paidagogós” é aquele que guia o saber do outro, sinto-me confiante quando percorro os dois territórios. A pedagogia será curativa quando reaprendermos que nosso corpo dá sinal de fadigas ou estresses e onde o tempo de descanso for considerado como uma prática de qualidade de vida, e não de ociosidade ou “vagabundagem”. A pedagogia será

curativa quando dialogar sobre as questões vitais que movem suas comunidades. É só lembrarmos que a frase “cabeça vazia é oficina do diabo” funciona até os dias de hoje, impregnando nosso inconsciente coletivo e nos culpando quando nos é dado o tempo livre, de ócio restaurativo.

A “scholé”, para os gregos, é o local do ócio, um ócio que renova o espírito e reconstitui o físico. Só conseguiremos acolher os diferentes e abraçar a diversidade (o princípio da tolerância) quando acontecer uma simbiose de atos e fatos, como as comunidades de práticas fazem. A Dona Saúde se reconhece na ação do Dr. Educação, num dinamismo para além das técnicas e/ou instrumentações. A pedagogia será curativa quando conseguirmos amenizar os choques entre as culturas familiares e populares com a cultura da escola, essa última teima em impor alguns regulamentos sem discutir seus sentidos ou propósitos. É preciso quebrar os paradigmas de que a arte do pensar esteja fixa a um determinado estrato social e econômico, e aos demais, bastam apertar parafusos e seguir normas, sem garantir-lhes o tempo ao ócio.

E para finalizar, a pedagogia será curativa quando a simplicidade da didática prevalecer sobre a sofisticação metodológica ou curricular de uma sociedade apressada e que excede em parafernália high tech. Podemos utilizar a tecnologia a favor da escola, mas isso não pode impedir que as histórias de vidas renovem as disciplinas e o currículo. Que tal uma tecnologia da escuta para a escola e a clínica? Ou uma pedagogia do cuidado na clínica ou na escola? Dona Saúde e o Dr. Educação acordaram que são interdependentes e suas práticas podem se apoiar nas práticas interdisciplinares como um caminho comum, o meio-da-ponte ou o estar-entre. Há prisões e armadilhas nos currículos escolares quando direcionam radicalmente as pessoas em determinadas caixas preparadas para um único objetivo, sem perguntar se há sentido em suas formações e desenvolvimentos. E quanto a pergunta de 2004? Para mim, ela continua com a mesma vivacidade e potência, atravessando minha alma e remodelando minha didática, uma fonte de inspiração para minhas práticas pedagógicas num mundo de paradoxos e incertezas.

## REFERÊNCIAS.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. Editora Saraiva, São Paulo, 2010

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes e SOUZA, Fernando Cesar de. **Diálogos interdisciplinares em Saúde e Educação: a arte do cuidar**. Revista Educação & Realidade, v. 37, n.1, 2012, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ver em [REVISTA EDUCAÇÃO E REALIDADE](#) Acessado em 20/03/2015

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor: uma relação entre o processo de individualização e formação**. Editora Paulus, São Paulo, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia**. Editora Imago, São Paulo, 2006.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**. Editora Triom, São Paulo, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Editora Cortez, São Paulo, 2009

SOUZA, Fernando Cesar de. **Jornadas interdisciplinares: do mito de Quiron à construção da metáfora da cura na escola**. Tese de Doutorado, PUC 2009. Ver em [BIBLIOTECAS SENAC SÃO PAULO](#) Acessado em 20/03/2015.

TROCMÉ, Helene. **Reinventar o ofício de aprender**. Editora Saraiva, São Paulo, 2010.



## 6 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO INTERDISCIPLINAR.

*Danúsia Arantes F. B. de Oliveira<sup>17</sup>*

**RESUMO:** o presente texto, fruto da reflexão e busca da compreensão sobre a produção do conhecimento interdisciplinaridade, partiu da inquietação e indagação da autora e, especialmente, do privilégio do diálogo com o filósofo Japiassu que ainda em vida, ressaltou seu posicionamento, ao considerar a interdisciplinaridade como categoria científica para a produção de conhecimento, assim como, o seu desejo de novos estudos e aprofundamentos sobre tais questões. A partir dessa perspectiva o texto proposto sistematiza um breve diálogo com os autores Japiassu, Fazenda e Lenoir, tendo como ponto de partida para esta reflexão, as seguintes indagações: qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente? Qual o possível caminho a percorrer? Qual o legado?

**Palavras Chave:** Interdisciplinaridade. Produção de conhecimento.

O caminhar na estrada chamada vida nos permite viver conforme desejos, vontades, crenças. Temos o livre arbítrio para caminhar em estradas já construídas. Porém, compreender que a grande riqueza pode estar também, no processo de perceber, sentir, ligar, interligar, integrar e permitir-se. Para Japiassu, o “sentido humano na sua potencialidade de construir uma atitude interdisciplinar frente a vida”, apresenta-se como um possível caminho a ser construído. O resultado? Poderá ser a concretude de respostas para tais indagações: qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente? Qual o possível caminho a percorrer? Qual o legado?

Encontrar a estrada pronta, ser levada e, também, caminhar com os próprios pés me permitiu construir labirintos pessoais e profissionais. Em alguns momentos, com saídas aparentemente fáceis e, em outros, com prisões dentro de um cenário obscuro repleto de incertezas e desejo de novas perspectivas. Neste contexto a força motriz sempre foi o amor pela vida! Vida que pode ser vivida no movimento de abrir e fechar muitas caixas aleatórias e simultâneas ou vivida com a sabedoria da atitude interdisciplinar.

Refletir sobre esta questão, tendo a vida como forma real de interligar o ser humano e profissional, me conduziu à inquietações e indagações constantes sobre a estrada, o caminho pelo qual eu percorria num momento de grandes incertezas.

---

<sup>17</sup> **DANÚSIA ARANTES F. B. DE OLIVEIRA:** Doutoranda do programa Educação/Curriculo da PUC/SP, E-Mail: [danusia@ueg.br](mailto:danusia@ueg.br)

O privilégio de ter Japiassu como interlocutor vivo, doce, sereno e generoso, expressou o que hoje tenho como um de seus legados na minha vida pessoal e profissional. Assim, com ele, junto dele e para além dele, foi sábio o suficiente em não me apresentar respostas prontas e acabadas, não abriu portas que me permitisse sair do labirinto que eu mesma havia construído, não foi intransigente ou arrogante, mas humilde o suficiente para dizer de forma competente e singela:

Se quiseres exercer alguma influência no rumo empreendido pela ciência contemporânea, é preciso que tomemos consciência da necessidade de uma ampla ação: uma ação direta tentando dominar os conhecimentos científicos e detectar suas ilusões; uma ação indireta, convertendo-nos e pedagogos capazes de formar aqueles que mudarão o mundo. Para tanto, temos que nos transformar por dentro e, ao mesmo tempo, criar as condições exteriores, tornando possível uma transformação no mundo do saber. Este tipo de atividade constitui uma ruptura no encadeamento do determinismo histórico cego e merece denominação: fazer a história.

Dialogar e refletir com Japiassu sobre as questões postas, elucidou e instigou-me a pensar sobre uma antiga questão que já me acompanhava desde o período da minha formação no curso de pedagogia. Por que razão as ciências, de um modo geral são tão compartimentadas e rigorosamente ensinadas em suas caixas hermeticamente fechadas?

Diante de tal indagação Japiassu evidenciou em seus escritos, especialmente na publicação do livro *Interdisciplinaridade e patologia do saber* (1976), importantes contribuições e referências das bases teóricas da interdisciplinaridade no Brasil. Também destacou a relevância dos estudos desenvolvidos por Fazenda nos últimos 30 anos, dando segmento e aprofundamento ao tema. Instigou-me a refletir sobre – caminhar na estrada já construída ou ousar-me a uma possível construção? Provocou-me pensar sobre os anos da interdisciplinaridade na educação brasileiras, tantas compreensões, inúmeras incompreensões, tentativas, equívocos e grandes desafios.

Irreverente como sempre foi, Japiassu estabeleceu um diálogo provocativo e motivador sobre a real possibilidade de construir um caminho investigativo.

Filha, tenho acompanhado algumas discussões é percebido que a Capes com a sua atual política de pós-graduação tem defendido cada vez mais a questão da interdisciplinaridade. É, e pensar que no final dos anos 60 quase fomos execrados por saber, acreditar e defender esta perspectiva para a educação brasileira. (agosto, 2013).

Afirmar e ao mesmo tempo indaguei - grande verdade! E que interessante estudar esta política, compreender, analisar e escrever cientificamente como esta construção vem sendo elaborada e disseminada no Brasil?

Resposta instantânea do querido e eterno Japiassu “isso é tarefa para você, jovem pesquisadora. Já deixei minha contribuição e agora estou dedicado ao prazeroso exercício de viver e escrever sobre a felicidade”.

“Mas é fundamental que você compreenda que não se trata de uma tentativa nova, recente, pois foi assim também no final dos anos 60, num contexto de mudanças políticas onde o sistema educacional passava por modificações e a questão da interdisciplinaridade foi incorporada à Lei de Diretrizes e Bases Nº 5672/71, influenciando na legislação educacional brasileira. O que também foi replicado na LDB 9394/96 e, não por acaso, a interdisciplinaridade também se apresenta como definição política no Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – PADCT- CNPQ- FINEP”.

Tantos outros trechos dos nossos longos e produtivos diálogos poderiam ser aqui explicitados, mas neste momento desejo destacar a grande contribuição de Japiassu, para o que tenho como objeto de pesquisa no Programa de Doutorado em Educação e Currículo na PUC – São Paulo, na linha de pesquisa Interdisciplinaridade. Meu olhar investigativo e todos os meus esforços e desafios acadêmicos como pesquisadora e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar – GEPI, sob a orientação da professora Ivani Fazenda, estão direcionados ao compromisso do estudo e da compreensão de como tem sido cientificamente estruturado a construção do conhecimento interdisciplinar nos programas de pós-graduação.

Acerca da chegada da interdisciplinaridade no Brasil, Fazenda (1994, p.23) relata que

o eco das discussões sobre interdisciplinaridade chega ao Brasil ao final da década de 1960 com sérias distorções, próprias daqueles que se aventuram ao novo sem reflexão, ao modismo sem medir as consequências do mesmo.

Ainda segundo Fazenda (1994), a interdisciplinaridade nasceu como uma oposição a todo o conhecimento que privilegiava o capitalismo epistemológico de certas ciências, como oposição à alienação da academia às questões da cotidianidade, às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e a toda e qualquer proposta de conhecimento que incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção, a uma patologia do saber<sup>18</sup>. (p. 19).

Fazenda (1994, p.10) critica esse aspecto ao afirmar que

Em nome da interdisciplinaridade, todo o projeto de uma educação para a cidadania foi alterado, os direitos do aluno/cidadão foram cassados, através da cassação aos ideais educacionais mais nobremente construídos. Em nome de uma

---

<sup>18</sup> Expressão utilizada por H. Japiassu em *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, 1976.

integração, esvaziaram-se os cérebros das universidades, as bibliotecas, as pesquisas, enfim toda a educação. Foi tempo de silêncio, iniciado no final dos anos 50 que percorreu toda a década de 1960 e a de 1970. Somente a partir de 1980 as vozes dos educadores voltaram a ser pronunciadas. A interdisciplinaridade encontrou na ideologia manipuladora do Estado seu promotor maior. Entorpecido pelo perfume desse modismo estrangeiro, o educador se omitiu e nessa omissão perdeu aspectos de sua identidade pessoal.

Considerando esta citação de Fazenda como uma referência importante para a análise do objeto de pesquisa, em especial ao tocante “esvaziamento dos cérebros das universidades e as pesquisas”, o diálogo com os autores Japiassu e Fazenda tornou-se possível, profícuo e prospectivo a respeito da construção do conhecimento nos programas de pós-graduação interdisciplinar.

Inicialmente, o olhar investigativo foi direcionado para os 13 Programas de Pós-Graduação Interdisciplinares instalados no Centro-Oeste do Brasil. Num segundo momento, após considerar o tempo e espaço factível ao desenvolvimento de uma tese de doutorado, o objeto de estudo foi então verticalizado para a análise da política nacional de pós-graduação de cunho interdisciplinar, tendo como referência a experiência para esta análise, o Programa de Doutorado em Ciências Ambientais (Ciamb) da Universidade Federal de Goiás (UFG), implantado em 2002.

Importante destacar que a escolha pelo estudo do Programa de Doutorado em Ciências Ambientais – Ciamb da UFG não foi aleatória, mas fruto de uma reflexão a partir da publicação Interdisciplinaridade em Ciência, tecnologia & inovação (2011), sob a organização dos autores Arlindo Philippi Jr. e Antônio J. Silva Neto.

Vahan Agopyan (2011, p.XIII), Pró-Reitor de Pós-Graduação da USP, ao prefaciá-lo destaca que

é muito bem-vinda a iniciativa da equipe, liderada pelos professores que planejaram e escreveram o livro, o qual se apresenta como um locus propício à geração de reflexões próprias ao âmbito da interdisciplinaridade, em que se colocam desafios epistemológicos – teóricos e metodológicos – para o avanço da produção de conhecimento e inovação.

A publicação encontra-se organizada em três partes fundamentais. Parte 1 – Desafios Teóricos e Metodológicos da Interdisciplinaridade, parte 2 – Práticas e Experiências Interdisciplinares e parte 3 – Interdisciplinaridade no Contexto Institucional e Visões de Futuro. A experiência do Programa de Doutorado em Ciências Ambientais (Ciamb) da Universidade Federal de Goiás (UFG), objeto de pesquisa desse estudo, está sistematizada no capítulo 18, parte 2 da publicação.

Castro e Oliveira (2011, p.531), ao descrever sobre a Experiência multi e interdisciplinar do programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UFG, considerando as bases da concepção original do Programa destaca:

Apesar de nuances, o grupo admitia existir, inclusive entre seus próprios membros, o conceito de interdisciplinaridade, que ainda era muito usado como sinônimo e até mesmo como metáfora de toda interconexão e colaboração entre diversos campos do conhecimento e do saber, dentro de projetos que envolviam tanto as diferentes disciplinas acadêmicas quanto as práticas não científicas; estas incluíam as instituições e os atores sociais diversos.

Ao refletir sobre esta questão é perceptível a contribuição de Morin, (2011, p. 35), com a sua afirmação “o problema teórico da complexidade é o da possibilidade de entrar nas caixas-pretas. É considerar a complexidade organizacional e a complexidade lógica”.

Castro e Oliveira (2011, p.532), registra que “os novos paradigmas como o da complexidade, tinham como objetivo aproximar especialistas de saberes disciplinares para um território comum onde coexistissem, teorias, conceitos e métodos”.

O grupo de pesquisadores do Programa acreditava que a problemática ambiental atual havia colocado em evidência a externalidade das realidades, negando disciplinas de *per sí* na explicação e resolução e removendo pouco a pouco os obstáculos que os paradigmas científicos existentes representavam, de modo a reorientar suas preocupações teóricas, comum – o meio ambiente.

Certo de que é preciso instituir uma cultura pesquisante através do princípio da interdisciplinaridade Japiassu (1992, p.87) apresenta a seguinte afirmação

Creio que o primeiro dever do educador consiste em aguardar um interesse fundamental pela pesquisa e em despertar no educando o espírito de busca, a sede da descoberta, da imaginação criadora e da insatisfação fecunda, no domínio do saber. Porque ele é um “agente provocador” e desequilibrador de estruturas mentais rígidas. O essencial é que o educando permaneça sempre em estado de apetite.

E assim, neste contexto de diálogo e reflexões Japiassu verbalizou importantes contribuições, para estudo que inicialmente se desvelava sobre a produção do conhecimento interdisciplinar em programas de pós-graduação. “A sua afirmação de que a atitude interdisciplinar nos ajuda a viver o drama da incerteza e da insegurança” foi fundamental, para o compromisso acadêmico que assumi com a pesquisadora Fazenda.

Fazenda (1991), afirma que “o desejo de criar, de inovar, de ir além [...]” que permeia todas as práticas interdisciplinares surge como superação de barreiras e dificuldades institucionais e pessoais, para construir outras histórias, outra memória, uma nova prática, dialética e interdisciplinar de formar professores-pesquisadores.

Para Fazenda (1979), a interação é condição para a efetivação da interdisciplinaridade, ela pressupõe uma integração de conhecimentos visando novos questionamentos, novas buscas, enfim a transformação da própria realidade.

A planejamento e encaminhamento da pesquisa aqui apresentada e que se encontra em andamento, conta também, com as importantes contribuições do pesquisador Yves Lenoir apresentado por Ivani Fazenda.

Lenoir (1998, p.48), ao abordar a questão da interdisciplinaridade e da disciplinaridade afirma que:

A perspectiva interdisciplinar não é, portanto, contrária a perspectiva disciplinar; ao contrário, não pode existir sem ela e, mais ainda, alimenta-se dela. Uma tal constatação mostra logo a existência de uma ligação efetiva entre interdisciplinaridade e a didática, que aqui traz fundamentalmente sua razão de ser na descrição do conhecimento que instaura para ensinar.

O compromisso de construir um caminho investigativo teve como ponto de partida o estabelecimento do diálogo com os autores Japiassu, Fazenda e Lenoir, objetivando a delimitação do objeto de pesquisa, assim como, a busca de respostas para tais indagações: qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente? Qual o possível caminho a percorrer? Qual o legado? Importante ressaltar que tem sido, também, instigante o desafio de compreender a metáfora “inovação” que por inúmeras vezes, se evidencia na discussão da produção do conhecimento interdisciplinar.

É por isso que o interdisciplinar provoca atitudes de medo e recusa. Porque constitui uma inovação. Como todo novo, incomoda.

Um dos fatores apontados por Japiassu (1976) como obstáculo para que a prática da interdisciplinaridade seja estabelecida com rigor é o fato de existir entre vários especialistas persistentes ignorâncias recíprocas e por vezes sistemáticas.

Japiassu também afirma que “nada será feito de durável se não estiver fundado na adesão apaixonada de alguns e em experiências inovadoras desempenhando o papel catalisadores e núcleos de inovação.

Concluo retomando a fala de Japiassu, carregada de felicidade e exigências “a criação de uma nova inteligência e de uma razão aberta capazes de formar uma nova espécie de cientistas e educadores utilizando uma nova pedagogia e ousando pensar de outra forma. Por isso, o candidato que ingressar nessa aventura deveria preencher vários pré-requisitos”.

Dentre os vários pré-requisitos destacados pelo autor, listo três que são fundamentais e constituíram-se como um legado para o caminho investigativo em plena fase de execução:

Ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método;

Estar consciente de que ninguém se educa com ideias alheias;

Não cultivar o gosto pelo “porto seguro” ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas.

## REFERÊNCIAS.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes Fazenda. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Editora Paulus, 2003.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia?** São Paulo. Edições Loyola, 1979.

FAZENDA, Ivani, Catarina Arantes. (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 9ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **A atitude interdisciplinar no sistema de ensino**. Ver. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 108, p. 83 – 94, janeiro-março., 1992.

JAPIASSU, Hilton. **A Pedagogia da Incerteza**. Rio de Janeiro :Imago, 1983.

LENOIR, Yves. **Didática e Interdisciplinaridade** uma complementariedade necessária. In: FAZENDA, Ivani (org). **Didática e Interdisciplinaridade**. 9ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4. Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

PHILIPPI Jr, Arlindo e NETO, Antonio J. Silva. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011.